

O CULTO CRISTÃO NA PERSPECTIVA DE CALVINO: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

RESUMO

Neste artigo Costa analisa a teologia de Calvino referente ao culto, bem como a sua prática. Partindo substancialmente de documentação primária, descreve a influência recebida por Calvino quando permaneceu em Estrasburgo (1538-1541) pastoreando uma comunidade de refugiados franceses. Mostra, então, como o reformador estabeleceu os elementos essenciais ao culto: a Palavra, a oferta, a ceia e a oração, tentando organizá-los de forma simples e coerente, harmonizando-os com os princípios das Escrituras. O autor sustenta que o culto, como resposta do homem a Deus, deve ser efetuado conforme as prescrições divinas: Deus não aceita um culto que contrarie a sua Palavra, sendo as Escrituras o elemento aferidor de toda a nossa adoração. Costa dá atenção especial à Santa Ceia, quando Calvino propõe mais uma vez uma cerimônia simples, sem as pompas da Idade Média; no entanto, insiste no sentido da maior sistematicidade da prática da comunhão. Tratando dos cânticos, mostra como Calvino, seguindo Agostinho, deu ênfase à letra do que se cantava, enfatizando a necessidade de se cantar a Palavra de Deus. Mostra também a importância do cântico congregacional e a relevância dos salmos na adoração cristã. Conclui o artigo mostrando a importância da compreensão de todas as partes do culto dentro da perspectiva reformada, evidenciando que a questão litúrgica não é um ponto separado da teologia, mas algo que reflete as nossas convicções.

PALAVRAS-CHAVE:

João Calvino, teologia do culto, adoração, Santa Ceia, cânticos, salmos, obediência.

* *O autor é Mestre e Doutor em Ciências da Religião, pastor da Igreja Presbiteriana Ebenézer, em Osasco (SP), e professor de Teologia Sistemática do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo.*

“O conhecimento de Deus não está posto em fria especulação, mas lhe traz consigo o culto” – *As Institutas*, I.12.1.

“Portanto, uma vez que, de seguir-se na adoração de Deus, nimamente fraco e frágil vínculo da piedade seja ou a praxe da cidade ou o consenso da Antigüidade, resta que o próprio Deus dê do céu testemunho de Si” – *As Institutas*, I.5.13.

INTRODUÇÃO

Iniciemos este artigo com uma definição operacional de culto. O culto cristão é a expressão da alma que conhece a Deus e que deseja dialogar com o seu Criador, mesmo que esse diálogo, por alguns instantes, consista num monólogo edificante no qual Deus nos fale através da Palavra. A seguinte definição expressa bem esta realidade: “Em essência o culto é um encontro de Deus com seu povo no qual se estabelece um diálogo: Deus fala à sua Igreja através de sua Palavra e a Congregação expressa sua adoração ao Senhor mediante as orações, oferendas e hinos.”¹

B. B. Warfield (1851-1921), em certa ocasião, falando sobre o preparo dos estudantes de teologia, fez uma advertência muito pertinente àqueles que alegam frieza no culto e ausência de Deus: “Se não há fogo no púlpito, cabe a você acendê-lo nos bancos. Nenhum homem pode fracassar em encontrar-se com Deus no santuário, se ele traz Deus consigo para ali. Como é fácil transferir a culpa de nossos corações frios para os ombros de nossos líderes religiosos!”² O culto é a resposta reverente e adoradora que só se torna possível pela graça de Deus, que nos dá vida (Jo 10.10; Ef 2.1,5; Cl 2.13), capacitando-nos para esse evento.

1. A INFLUÊNCIA DA CONGREGAÇÃO DE ESTRASBURGO

A estadia de Calvino em Estrasburgo foi fundamental para o seu amadurecimento como pastor e teólogo, aspectos que por sinal ele jamais dissociou de seu ministério e teologia. Calvino foi influenciado de certa maneira pelo culto dirigido por Martin Bucer (1491-1551) em Estrasburgo, durante o período em que lá permaneceu (1538-1541),³ pastoreando os franceses banidos que desejavam cultivar

¹ GARCIA, Victor M. S. Musica y Alabanza. In: *Revista Teológica* (México), Vol. IX, nº 31-32, 1978, p. 47.

² WARFIELD, B. B. *A Vida Religiosa dos Estudantes de Teologia*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999, p. 23.

³ Cf. BRAGA, Henriqueta R. F. Contribuição da Reforma ao Desenvolvimento Musical. In: *Música Sacra e Sua História*, Bill H. Ichter (org.). Rio de Janeiro: JUERP, 1976, p. 77; HUSTAD, Donald P. *Jubilate! A Música na Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 119; HALSEMA, Thea B. Van. *João Calvino era Assim*. São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968, pp. 99-100. Calvino disse que Bucer era “o mais fiel doutor da Igreja de Deus” (Cf. CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*, Vol. 1. São Paulo: Paracletos, 1999, p. 31). Com o passar dos anos, Calvino nutria profundo respeito e admiração por Bucer, a quem pediu que o corrigisse como um pai ao filho (Cf. HALSEMA, *João Calvino era Assim*, p. 130). A importância de Bucer – pastor da Igreja de Santo Aurélio, uma congregação constituída por pessoas bastante pobres em Estrasburgo –, como um grande líder da Reforma não tem sido enfatizada com justiça. Calvino foi, nas palavras de Mickey, o seu “aluno mais ilustre” (Cf. MICKEY, P.A. Martin Bucer. In: *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. I, Walter A. Elwell (org.). São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 214).

a sua fé em liberdade. Algo que chamava a atenção de Calvino era o entusiasmo com que os franceses ali exilados cantavam salmos quando se dirigiam ao culto.⁴ É verdade que na sua primeira estadia em Genebra já propusera o cântico de Salmos, formando um coro de crianças, que, depois de bem ensaiado, ensinaria o restante da congregação.⁵ Quando Calvino retornou a Genebra, adaptou muitos elementos da liturgia de Bucer, tornando-se o rito de Genebra (1542) a base para o culto das igrejas calvinistas em toda a Europa – Suíça, França, Alemanha, Holanda e Escócia.⁶ Calvino estabeleceu, então, como elementos essenciais ao culto, a Palavra, a oferta, a Ceia e a oração.⁷

Calvino propôs um culto simples. No que concerne à celebração da Ceia, por exemplo, pouco lhe importavam alguns aspectos externos, tais como se o participante devolvia o cálice ao diácono ou o passava a outro participante, se o pão – que chama de “pão místico”⁸ – deveria ser ou não fermentado, se o vinho deveria ser tinto ou branco. Tudo isso deveria ser decidido pela congregação.⁹ Assim ele sugere um modo desprezioso, sem as cerimônias pomposas da Idade Média, que pareciam feitas para “ofuscar os olhos de Deus”.¹⁰

E o início far-se-ia por preces públicas; ter-se-ia, a seguir, o sermão; então, postos na mesa pão e vinho, repetiria o ministro as palavras da instituição da Ceia; depois, reiteraria as promessas que nos foram nela deixadas; ao mesmo tempo, vedaria à comunhão todos aqueles que são dela barrados pelo interdito do Senhor; após isto, orar-se-ia para que o Senhor, pela benignidade com que nos prodigalizou este alimento sagrado, também a isto receber em fé e gratidão de alma nos instruisse e preparasse, e, uma vez que de nós mesmos não o somos, por Sua misericórdia, dignos nos fizesse de tal repasto. Aqui, porém, ou cantar-se-iam salmos ou ler-se-ia algo da Escritura, e, na ordem que convém, participariam os fiéis do sacrossanto banquete, os ministros partindo o pão e oferecendo-o ao povo. Terminada a Ceia, ter-se-ia uma exortação à fé sincera e à sincera confissão dessa fé, ao amor cristão e a comportamento digno de cristãos. Por fim, ação de graças se daria e louvores se cantariam a Deus, findos os quais, a congregação seria despedida em paz.¹¹

Nas suas *Formas de Oração na Igreja Francesa*, na terceira edição (1545), temos outra descrição, sempre atenta à simplicidade da igreja antiga:

⁴ Cf. HASELMA, *João Calvino era Assim*, p. 100.

⁵ *Ibid.*, p. 82; Cf. SILVA, Jouberto Heringer. A Música na Liturgia de Calvino em Genebra: In: *Fides Reformata*, VII. 2 (2002), p. 99.

⁶ SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church*, Vol. VIII. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996, p. 371; HUSTAD, *Jubilate! A Música na Igreja*, p. 118; CALVIN, John. *Tracts and Treatises*, Vol. II. Grand Rapids: Eerdmans, 1958, p. 99a (notas de T. F. Torrance).

⁷ CALVINO, João. *As Institutas*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, IV.17.44.

⁸ *Ibid.*, II.8.32.

⁹ *Ibid.*, IV.17.43.

¹⁰ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 413.

¹¹ CALVINO, *As Institutas*, IV.17.43.

Começamos com a confissão de nossos pecados, escreve, acrescentando versículos da Lei e do Evangelho (ou seja, palavras de absolvição...) e logo que nos assegura que, assim como Jesus Cristo possui em si mesmo justiça e vida, e assim como Ele vive por amor do Pai, nós somos justificados nEle e vivemos a nova vida mediante o mesmo Jesus Cristo..., continuamos com salmos, hinos e louvor, a leitura do Evangelho, a confissão de nossa fé (ou seja, o Credo Apostólico), e as santas oblações e oferendas... E... estimulados e animados pela leitura e pregação do Evangelho e a confissão de nossa fé..., se segue que devemos orar pela salvação de todos os homens, para que a vida de Cristo se acenda grandemente dentro de nós. Agora bem, a vida de Cristo consiste nisto, em buscar e salvar o que está perdido; bem fazemos então em orar por todos os homens. E, porque verdadeiramente recebemos a Jesus Cristo neste sacramento..., lhe adoramos em espírito e verdade; e recebemos a eucaristia com grande reverência, concluindo todo o mistério com louvor e ação de graças. Portanto, esta é toda a ordem e razão para sua administração desta forma; e concorda também com a administração da antiga Igreja dos apóstolos, mártires e santos Padres.¹²

Dentro da visão reformada, a Palavra de Deus ocupa o lugar central do culto, visto que é através dela que Deus nos fala.¹³ Calvino entendia que “a função peculiar do Espírito Santo consiste em gravar a lei de Deus em nossos corações.”¹⁴ É o Espírito quem nos ensina através das Escrituras;¹⁵ esta é “a escola do Espírito Santo”,¹⁶ que é a “escola de Cristo”,¹⁷ a “escola do Senhor”,¹⁸ e o Espírito é o “Mestre”,¹⁹ “o melhor mestre”,²⁰ “ótimo Mestre”,²¹ e o “Mestre interior”,²² “o Espírito de Deus, de quem emana o ensino do evangelho, é o único genuíno intérprete para no-lo tornar acessível.”²³

...é Ele que nos ilumina com a sua luz para nos fazer entender as grandezas da bondade de Deus, que em Jesus Cristo possuímos. Tão importante é o seu

¹² Apud MAXWELL, William D. *El Culto Cristiano: Su Evolución y Sus Formas*. Buenos Aires: Methopress, 1963, p. 139.

¹³ Cf. *Segunda Confissão Helvética*, XXIII, § 5.220. In: *O Livro de Confissões*. São Paulo: Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969; *Confissão de Westminster*; 21.5; CALVINO, *As Institutas*, IV.1.5.

¹⁴ CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (SI 40.8), p. 228. “O ensino interno e eficaz do Espírito é um tesouro que lhes pertence de forma peculiar. (...) A voz de Deus, aliás, ressoa através do mundo inteiro; mas ela só penetra o coração dos santos, em favor de quem a salvação está ordenada” [*Ibid.*, p. 229].

¹⁵ Cf. CALVINO, *As Institutas*, I.9.3.

¹⁶ *Ibid.*, III.21.3 (Sobre o testemunho do Espírito, ver *As Institutas*, I.7.4-5; I.9.3).

¹⁷ CALVINO, João. *Efésios*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 133.

¹⁸ CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1996, pp. 55, 100.

¹⁹ CALVINO, João. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Edições Paracletos, 1997, p. 58.

²⁰ CALVINO, *As Institutas*, IV.17.36. Calvino diz que quem rejeita o “magistério do Espírito”, é desvairado [*Ibid.* I.9.1].

²¹ *Ibid.*, IV.12.

²² *Ibid.*, III.1.4; III.2.34; IV.14.9.

²³ CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 93.

ministério que, com justiça, podemos dizer que ele é a chave com a qual são abertos para nós os tesouros do reino celestial, e que a sua iluminação são os olhos do nosso entendimento, que nos habilitam a contemplar os mencionados tesouros. Por essa causa ele é agora chamado penhor e selo, visto que sela em nosso coração a certeza das promessas. Como também agora ele é chamado mestre da verdade, autor da luz, fonte de sabedoria, conhecimento e discernimento.²⁴

Portanto, “se porventura desejamos lograr algum progresso na escola do Senhor, devemos antes renunciar nosso próprio entendimento e nossa própria vontade.”²⁵ A partir de seus escritos, enfocaremos alguns aspectos do seu pensamento litúrgico.

2. A INICIATIVA DA ADORAÇÃO E A FORMA COMO DEUS DEVE SER ADORADO PROVÊM DO PRÓPRIO DEUS

O culto é a resposta do homem a Deus, com fé e gratidão. Isto indica que é Deus quem dá o primeiro passo na forma como ele deve e quer ser adorado (Êx 29.38-46). Devemos ter sempre diante de nós a convicção e o propósito de que o culto é oferecido a Deus. Pode parecer estranho o que estamos dizendo, visto que podemos simplesmente pensar que o culto que prestamos é obviamente dirigido a Deus. No entanto, no verso 14 do salmo 50, o escritor enfatiza: “Oferece a Deus sacrifício de ações de graça”.

Para nós, protestantes, essa recomendação pode passar despercebida ou apenas servir para confirmar a nossa prática: nós não adoramos imagens, nem outros seres criados; estamos cumprindo rigorosamente os primeiros mandamentos:

Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto... (Êx 20.3-5).

Podemos, quem sabe, pensar de forma aliviada: deste pecado estamos livres!... De fato, devemos dar graças a Deus por não incorreremos nessa forma de pecado. Contudo, há outras formas de se cometer o mesmo pecado. E para estas é necessário que estejamos mais atentos.

No Novo Testamento, Jesus Cristo nos mostra que muitas das orações supostamente dirigidas a Deus, na realidade não o eram (Mt 6.5-6,9). O problema, dentro do contexto vivido por Jesus, é que muitos dos judeus, na realidade, ofereciam as suas orações aos homens, mesmo usando o nome de Deus. Usar o nome de Deus não é garantia de estarmos nos dirigindo a ele. Do mesmo modo, podemos estar tão preocupados com a forma de nossas orações que nos esquecemos do Pai; é a ele que a nossa oração é destinada; portanto, cabe a ele, que vê em secre-

²⁴ CALVINO, *As Institutas*, II.4.

²⁵ CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 100.

to, julgá-la. A nossa oração não necessita ter publicidade para que Deus a ouça; ele vê em secreto e nos recompensa conforme o que vê (Mt 6.6). Isso se aplica perfeitamente ao nosso culto e à advertência feita por Deus: “Oferece a Deus sacrificio de ações de graça...” (Sl 50.14). Através de Isaías, Deus recrimina os judeus, dizendo que eles sacrificavam simplesmente porque gostavam de fazê-lo, não porque quisessem agradá-lo (Is 66.3-4).

O culto não visa agradar pessoas ou satisfazer os nossos desejos pecaminosos de apresentar uma “*aeróbica cultural*” ou um “*show-culto*”. Não usamos do culto para nos promover ou angariar votos ou simpatias. O culto é oferecido a Deus conforme as próprias prescrições divinas; e ele mesmo julgará a nossa oferta: buscamos o prazer de Deus, a sua santa satisfação (Is 66.4). O senso de humor de Deus é bastante diverso do nosso; a nossa sutileza pode ser o caminho mais fácil e objetivo para o cadafalso. Deus apanha os sábios em sua própria “esperteza”: “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles” (1Co 3.19/Jó 5.13). Não tentemos manipular Deus para os nossos interesses pessoais: Deus não se presta a isso. Ele é o Senhor e juiz. A falta do temor de Deus é que tem em muitas ocasiões nos conduzido à irreverência e irresponsabilidade espiritual. Lembremo-nos: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam. O seu louvor permanece para sempre” (Sl 111.10); “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência” (Pv 9.10).

Portanto, a criatividade humana deve estar submissa à instituição divina, pois o Deus Trino, que é adorado, estabelece os princípios e as normas para este ato; portanto, o que determina a forma do culto não pode ser um critério puramente estético ou sentimental,²⁶ mas sim espiritual, teológico e racional, todos subordinados à revelação. O culto cristão deverá ocorrer sempre na liberdade do Espírito e dentro dos parâmetros da Palavra (Jo 4.23-24; Fp 3.3). O culto espiritual é estabelecido por Deus mesmo.²⁷ Portanto, a genuína adoração é submissa à auto-revelação de Deus, tanto com respeito à forma quanto com respeito ao espírito. E, daí, nos instrui a seu legítimo culto, isto é, ao culto espiritual e estabelecido por ele mesmo. Não podemos separar o Espírito da Palavra. O Espírito honra exclusivamente a sua Palavra, não a nossa. Calvino, comentando o Livro de Isaías, escreve: “Da mesma forma, ‘a Palavra’ não pode ser separada ‘do Espírito’, como imaginam os fanáticos, que, desprezando a palavra, ufanam-se do nome do Espírito, e incrementam coisas, como confidenciais, em suas próprias imaginações. É o espírito de Satanás que é separado da palavra, à qual o Espírito de Deus está continuamente unido.”²⁸

²⁶ Cf. GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 317.

²⁷ CALVINO, *As Institutas*, II.8.17.

²⁸ CALVIN, John. *Commentary on the Book of the Prophet Isaiah*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1996, p. 271.

Na *Confissão de Fé de Westminster* (1647), lemos:

... O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que Ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras. (XXI.1)²⁹

Por mais impressionante que seja a adoração planejada pelo homem, se ela não for dirigida por Deus, através do Seu Espírito, não será aceita; não passará de uma tentativa de boa obra humana no afã de conseguir o favor divino. O culto ao Senhor não pode ser a nosso bel-prazer, como quis Jeroboão e, também, de certa forma Uzias, pois Deus o rejeita (1Rs 12.33-13.5; 2Cr 26.16-21). Se queremos agradar o Senhor através do culto somente a ele devido, devemos procurar saber através da sua Palavra como ele deseja ser cultuado.

Na antiguidade, o filósofo Sócrates (469-399 a.C.) fez uma pergunta que revela uma percepção correta: “Haverá culto mais sublime e piedoso que o que prescreve a própria divindade?”³⁰

Calvino, comentando o segundo mandamento, diz:

Portanto, o fim deste mandamento é que Deus não quer que Seu legítimo culto seja profanado mediante ritos supersticiosos. Pelo que, em síntese, Ele nos recambia e afasta totalmente das insignificantes observâncias materiais que nossa mente bronca, em razão de sua crassitude, costuma inventar quando concebe a Deus. E, daí, nos instrui a Seu legítimo culto, isto é, ao culto espiritual e estabelecido por Si Próprio. Assinala, ademais, o que é mais grosseiro defeito nesta transgressão: a idolatria exterior.³¹

Segundo Calvino, o problema está no padrão que o homem estabelece para Deus: ele o analisa partindo de si mesmo, do seu gosto e preferências, não percebendo o salto qualitativo entre nós, pecadores que somos, e o soberano Deus, o Senhor da Glória. “Os homens se dispõem naturalmente à exibição exterior da

²⁹ Cf. *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 109, e *Catecismo de Heidelberg*, Perg. 96. Hodge, comentando o Capítulo XXI.1 do *Catecismo Maior de Westminster*, diz: “Por isso, necessariamente segue-se: visto que Deus prescreveu o modo como devemos aceitavelmente adorá-lo e servi-lo, é uma ofensa e um pecado contra ele que negligenciemos seu método ou, em preferência, pratiquemos o nosso próprio. (...) Como demonstramos anteriormente à luz da Escritura, não só todo o ensino humano em termos de *doutrinas* e de *mandamentos*, mas também toda forma de culto próprio, de atos e formas de culto estabelecidos (sic.) pelo homem, são abomináveis para Deus. (...) Não temos, em nenhuma circunstância, qualquer direito, com base nos gostos, na moda [fashion] ou conveniência, de ir além da clara autoridade da Escritura.” [HODGE, Archibald A. *Confissão de Fé Comentada por A. A. Hodge*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999, p. 369].

³⁰ XENOFONTE. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Coleção Os Pensadores, Vol. II. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 149.

³¹ CALVINO, *As Institutas*, II.8.17; II.8.16; *Idem, Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, p. 208; *Breve Catecismo*, Pergs. 49-52; *Catecismo Maior*, Pergs. 108-110; *Confissão Belga*, 7; *Confissão de Westminster*, 21.1.

religião, e, medindo Deus segundo a própria medida deles, imaginam que alguma atenção para as cerimônias constitui a suma de seu dever.”³²

Comentando Isaías 29.13, escreve:

Eu considero que מְלִמָּדָה (*m^el^ummadah*) tem um sentido passivo, pois ele quer dizer que fazer dos “mandamentos dos homens”, e não da Palavra de Deus, a regra para adorá-lo, é uma subversão da ordem. A vontade do nosso Deus, entretanto, é que o “temor” e a reverência com que o adoramos devam ser regulados pela sua Palavra, e ele não exige mais que uma mera obediência, pela qual devamos nos conformar e a todas as nossas atitudes à Palavra sem nos desviarmos para a direita ou para a esquerda.

Isso prova suficientemente que todos os que aprendem, por meio das “invenções dos homens”, como deveriam adorar a Deus, não são apenas néscios incontestes, mas desgastam-se em destrutivo labor, pois não fazem mais que provocar a ira de Deus. Ele, portanto, não poderia demonstrar mais claramente quão grande abominação sente pelo falso culto, do que pela tremenda severidade dessa punição.³³

No dia 4 de julho de 1562, pregando no Segundo Livro de Samuel sobre a morte de Uzá, ele disse:

Devemos por isso concluir que nenhuma de nossas devoções será aceitável a Deus a menos que esteja conformada à sua vontade. Tal preceito lança por terra todas as invenções humanas do assim chamado culto a Deus do papado, que é tão cheio de pompa e tolice. Diante de Deus tudo isso nada mais é que puro lixo e verdadeira abominação. Tenhamos em mente, portanto, essa inequívoca regra: querer adorar a Deus segundo as nossas próprias idéias é simplesmente abuso e corrupção. Antes, pelo contrário, precisamos ter o testemunho da sua vontade para seguirmos e submetemo-nos àquilo que nos tem ordenado. É assim que a adoração que prestamos a Deus será aprovada.³⁴

Alhures, aludindo ao texto de 1 Samuel 15.22, escreve:

Se tivéssemos de oferecer da nossa parte um sacrifício designado e aceitável, argumentaríamos que não nos cabe inventar o que nos parecer bom, nem obedecer ao que pode ser inventado pela mente de outra pessoa, mas limitar-nos simplesmente à pureza da Escritura. (...) Quando supomos poder servir a Deus ao nosso próprio modo, Ele o repudia como corrupção.³⁵

³² CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 398.

³³ CALVIN, John. *Commentaries on the Book of the Prophet Isaiah*. Grand Rapids: Baker, 1996, pp. 324-325. “Todos quantos querem servir a Deus com suas novas fantasias honram e adoram seus desatinos, pois nunca se atreveriam a defraudar a Deus desta maneira, se antes não houvessem forjado um Deus que fora igual aos seus desatinados desvarios” [CALVINO, *Institución*, I.4.3].

³⁴ CALVIN, John. *Sermons on 2 Samuel*. Carlisle: Banner of Truth, 1992, p. 246.

³⁵ CALVIN, John. Brief Form of a Confession of Faith. *John Calvin Collection*, Cap. 17. Albany, OR: Ages Software, 1998, Cap 17. p. 141.

Calvino entende que quando os homens enveredam pelas tradições, mais eles se perdem dentro de um emaranhado de superstições:

Pois desde que os homens começaram a criar leis para regularem o ato de culto a Deus e para subjugarem a consciência, não há mais fim nem conta delas, ao passo que, por outro lado, Deus tem punido tal temeridade, cegando-os com ilusões tais que podem fazê-los estremecer. Quando nos prestamos a examinar de perto o que são realmente as tradições humanas, descobrimos que são um abismo, e que o número delas é infundável. E há, contudo, abusos tão absurdos e enormes, que é espantoso o quanto os homens são estúpidos – não fosse Deus ter levado a efeito a vingança que anunciou pelo seu profeta Isaías (Is 29.14), cegando e enfatuando o sábio que pretendesse adorá-lo observando mandamentos de homens.³⁶

A insolência humana está em pretender que Deus se agrade de algo contrário ao que ele mesmo prescreveu, como se pudéssemos ensinar algo a Deus e ainda melhor do que aquilo que ele mesmo nos ensina. Precisamos nos lembrar que a Lei de Deus é perfeita e nela temos as prescrições de Deus para nós e para nossos filhos, para que as cumpramos (Dt 29.29/SI 119.4): “O pior de tudo, entretanto, é que, não obstante tenha Deus com tanta freqüência e rigor interditado todos os modos de culto prescritos pelo homem, a única forma de adoração que Lhe foi prestada consistiu de invenções humanas.”³⁷

Vemos a extraordinária insolência que os homens demonstram quanto à forma e à maneira de adorar a Deus; pois estão perpetuamente criando novos modos de culto, e quando alguém quer ser considerado mais sábio que os outros, demonstra a sua capacidade inventiva nesse assunto. (...) Deus declarou o modo pelo qual deseja que devamos adorá-lo, e incluiu na sua lei a perfeição de santidade. Contudo, um grande número de homens, como se obedecer a Deus e guardar o que Ele ordena fosse uma questão leve e trivial, colecionam para si mesmos muitos acréscimos advindos de todo lugar. Os que ocupam posição de autoridade apresentam as suas invenções com esse propósito, como se possuíssem alguma coisa mais perfeita que a Palavra do Senhor. (...) O mundo não suporta a legítima autoridade, e revela-se mais violentamente contra o jugo do Senhor, não obstante, é docilmente e de boa-vontade que se embaraça nas ciladas das tradições inúteis; ou melhor, tal escravidão parece ser, no caso de muitos, um objeto de desejo, ao passo que o culto a Deus, do qual o primeiro e supremo princípio é a obediência, é corrompido. Prefere-se a autoridade de homens aos mandamentos de Deus. (...) Todos os momentos de culto inventados pelos homens não agradam a Deus, porque ele determina que apenas ele é que deve ser ouvido, para nos treinar e instruir na verdadeira piedade conforme o seu agrado.”³⁸

³⁶ *Ibid.*, Cap. 18, p. 142.

³⁷ CALVIN, John. “The Necessity of Reforming the Church”. *John Calvin Collection*. Albany, OR: Ages Software, 1998, p. 217. CD-ROM.

³⁸ *Idem.*, Calvin’s Commentaries. Vol. XVI. John Calvin Collection. Grand Rapids: Baker, 1981, pp. 245-246. Cf. CALVINO, *As Institutas*, I.10.11.

Calvino acrescenta: “É evidente, à luz desse fato, que os homens cultuarão a Deus inutilmente, se porventura não observarem o modo correto...”³⁹ “Pelo que, nada de surpreendente, se o Espírito Santo repudie como degenerescências a todos os cultos inventados pelo arbítrio dos homens...”⁴⁰ “Deus só aceita a aproximação daqueles que o buscam com sincero coração e de maneira correta.”⁴¹ “Em vão é Deus adorado, quando a doutrina é substituída pela vontade do homem.”⁴² (...) É Deus quem estatui que não será adorado de nenhum outro modo exceto conforme à sua própria determinação. Ele não pode tolerar a invenção de outros novos modos de culto. Tão logo os homens permitam a si mesmos andarem errantes para além dos limites da Palavra de Deus, quanto mais labor e ansiedade demonstrem a adorá-lo, tanto mais pesada é a condenação que trazem sobre si mesmos, porque, por tais invenções, é que a religião é desonrada. (...) Todos os tipos de culto inventados pelos homens não têm, a seus olhos, a menor valia; mais ainda, que, assim, como declara o profeta [1Sm 15.22,23], eles são malditos e detestáveis.”⁴³ “Precisamos escutar a voz de Deus, e ouvir a sua consideração quanto à profanação do culto que se dá quando os homens, ultrapassando os limites da Sua Palavra, atiram-se à larga em suas próprias invenções.”⁴⁴ “São abomináveis todas as formas de culto que os homens inventam de si próprios.”⁴⁵

Calvino, que no estabelecimento da Ordem do Culto não foi dogmático,⁴⁶ entendia que muitos detalhes poderiam ser modificados a critério da congregação, sem que com isso propiciasse abusos.⁴⁷ A Palavra de Deus será sempre o elemento aferidor de toda a nossa alegada liberdade:

O Senhor nos permite liberdade em relação aos ritos externos, para não concluirmos que o seu culto se acha limitado por essas coisas. Ao mesmo tempo, entretanto, ele não nos concedeu liberdade ilimitada e descontrolada, mas construiu, por assim dizer, cerca em torno dela; ou, de algum modo, restringiu a liberdade que nos deu, de tal maneira que somente à luz de sua Palavra é que podemos orientar nossas mentes sobre o que é correto.⁴⁸

³⁹ CALVINO, *Exposição de Hebreu*, p. 305.

⁴⁰ CALVINO, *As Institutas*, I.5.13.

⁴¹ CALVINO, *O Livro dos Salmos* Vol. 2, p. 420.

⁴² CALVINO, *As Institutas*, IV.10.8.

⁴³ CALVINO, *John Calvin Collection*, Vol. XVI/2, pp. 253-254. CD-ROM.

⁴⁴ CALVIN, *The Necessity of Reforming the Church*, p. 250. CD-ROM.

⁴⁵ CALVINO, *As Institutas*, I.11.4.

⁴⁶ Comentando o Salmo 50, Calvino emite o seu conceito sobre os ritos externos: “Estes ritos externos são, portanto, em si mesmos, de nenhuma importância, e deve-se mantê-los só até ao ponto em que nos são úteis na confirmação de nossa fé, de sorte que possamos invocar o nome do Senhor com um coração puro” [CALVINO, *O Livro dos Salmos* Vol. 1, p. 410].

⁴⁷ CALVINO, *As Institutas*, IV.17.43. Compare com IV.10.31. Cf. Carta de Calvino a Edward Seymour, datada de 22 de outubro de 1548. Calvin to Somerset, Letter 21. In: *Letters of John Calvin*, Selected from the Bonnet Edition, pp. 98-99.

⁴⁸ CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 444.

Calvino, comentando o texto de João 4.24, nos admoesta para a distinção entre Deus que é “Espírito” e nós que somos “carne”, mostrando que não podemos simplesmente querer agradar a Deus com aquilo que nos agrada, visto que “as coisas que agradam a maioria são objetos da sua repugnância e aversão”. Portanto, devemos ser modestos em nossos juízos e atos, considerando “com suspeita tudo o que nos está satisfazendo de acordo com a carne. Além disso, como nós não podemos ascender à altura de Deus, devemos lembrar que nós deveríamos buscar na sua palavra a regra pela qual somos governados.”⁴⁹ Na dedicatória do seu comentário das Epístolas Pastorais (1556), escreve ao Príncipe Eduardo, Duque de Somerset: “Não há outro caminho pelo qual podeis estabelecer o reino da Inglaterra, da forma a mais sólida possível, senão banindo os ídolos e *assentando ali o genuíno culto que Deus prescreveu para que lho tributemos.*”⁵⁰

Mas, Deus seria mais espiritual no Novo Testamento do que no Antigo, quando ele mesmo prescreveu diversos rituais para o seu culto? Obviamente que não. Devemos observar primariamente que, no aspecto litúrgico, a diferença entre o Antigo e o Novo Testamento estava mesmo no aspecto ritual, externo. A integridade exigida por Deus permanece a mesma: Deus sempre desejou um culto responsável, sincero e comprometido com os seus preceitos. Em outro lugar Calvino explica:

Em todo aspecto essencial, o culto era o mesmo. A distinção era de forma inteiramente externa: Deus acomoda-se às apreensões mais fracas e imaturas deles mediante os rudimentos da cerimônia, enquanto nos estendia uma forma simples de culto que atingiu uma época de mais maturidade desde a vinda de Cristo. Não há nenhuma alteração propriamente dita.⁵¹

Portanto, podemos concluir que a adoração a Deus permite a adaptação cultural. No entanto, esta deverá ser sempre regulada pelos princípios explícitos das Escrituras, que se constituem na palavra final de Deus para o nosso pensar, agir e decidir.

Antes do povo de Israel entrar na Terra Prometida, Deus o adverte para que não imite o modelo pagão. Então, Deus o exorta estabelecendo um princípio positivo que deveria seguir: “Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás” (Dt 12.32). Este é o princípio que deve governar todo o nosso relacionamento com Deus: a obediência. A desobediência será sempre estéril em nos conduzir a Deus em submissão, adoração e gratidão. No culto a Deus, portanto, “o primeiro e supremo princípio é a obediência...”⁵² Por outro lado, a desobediência é pródiga na geração de superstição, idolatria e dissolução. Apar-

⁴⁹ CALVIN, John. *Calvin's Commentaries*. Grand Rapids: Baker Book House, 1996, p. 164. Cf. CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, pp. 226-227.

⁵⁰ CALVINO, João. *As Pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 14. Grifos meus.

⁵¹ CALVINO, *O Livro dos Salmos* Vol. 1, p. 409.

⁵² CALVIN, *John Calvin Collection*, Vol. XVI/2, p. 246. “Em vão se tentam novas modalidades de obras para ganhar-se o favor de Deus, cujo culto genuíno consta da só obediência” [CALVINO, *As Institutas*, II.8.5].

tar-se de Deus caminhando em direção à superstição e idolatria consiste numa “fornicação espiritual”.⁵³ Portanto, não nos iludamos; o amor a Deus é mais do que mero sentimento, é obediência em amor. O conhecimento de Deus é uma experiência de amor, que se revela em nossa obediência aos seus mandamentos. Calvino, comentando o texto de Deuteronômio, diz: “Nesta pequena cláusula ele ensina que não há outro ato de culto considerado lícito por Deus a não ser aquele a que ele deu sua aprovação na sua Palavra, e que a obediência é a mãe da piedade; é como se ele tivesse dito que todos os modos de devoção são absurdos e infectados com superstição, quando não são dirigidos por esta regra. (...) Ao proibir o acréscimo ou a diminuição de qualquer coisa, ele claramente condena como ilegítimo tudo o que os homens inventam pela sua própria imaginação.”⁵⁴ “Porque sempre que entra no coração dos homens a superstição de querer adorar a Deus com as suas próprias invenções, todas as leis decretadas com esse propósito degeneram imediatamente nesses graves abusos.”⁵⁵ “Os que primeiramente inventaram novas formas de culto, seguiram sem dúvida as suas próprias e tolas imaginações; como quando se pergunta hoje aos papistas por que se fatigam tanto com suas superstições, o escudo deles é sempre a boa intenção. ‘Achamos que isso seja agradável a Deus’. Deus, todavia, repudia as invenções deles como totalmente inúteis, pois nada possuem de sólido ou permanente.”⁵⁶

“Deve-se defender a obediência como a base de toda a verdadeira religião. Se, então, por outro lado, desejamos apresentar a Deus o nosso culto por ele aprovado, aprendamos a lançar fora tudo que for de nós mesmos, de modo que a sua autoridade prevaleça acima de todas as nossas razões.”⁵⁷ Em outro lugar insiste na necessidade de sermos obedientes a Deus se quisermos apresentar-lhe um culto agradável: “Deus só é corretamente servido quando sua lei for obedecida.”⁵⁸ Não se deixa a cada um a liberdade de codificar um sistema de religião ao sabor de sua própria inclinação, senão que o padrão de piedade deve ser tomado da Palavra de Deus.”⁵⁹ “Portanto, em nosso curso de ação, deve-se-nos ter em mira esta

⁵³ CALVINO, Juan. O Catecismo de Genebra, Perg. 152. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires: La Aurora, 1962.

⁵⁴ CALVIN, John. *Commentaries on the Four Last Books of Moses*, Vol. II/1. Grand Rapids: Baker Book House, 1996, p. 453.

⁵⁵ CALVINO, *As Institutas*, IV.10.16.

⁵⁶ CALVIN, John. *Commentaries on the Prophet Jeremiah and the Lamentations*, Vol. IX/2, p. 439. “Uma parte da reverência que Lhe é devida consiste simplesmente em adorá-Lo da forma que Ele ordena, sem misturar as nossas próprias invenções. (...) Não obstante muitas vezes no culto inventado pelos homens a impiedade não seja claramente vista, ainda assim ela é condenada severamente pelo Espírito, porque desvia-se do preceito de Deus. (...) As invenções humanas no culto a Deus são outras tantas corrupções. E quanto mais a vontade de Deus nos é revelada, tanto menos inescusável é a nossa ousadia ao tentar alguma coisa” [CALVINO, *As Institutas*, IV.10.23].

⁵⁷ *Ibid.*, *Commentaries on the Prophet Jeremiah and the Lamentations*, p. 398. Cf. *O Catecismo de Genebra*, Pergs. 149,152.

⁵⁸ “Ninguém, pois, será tido como (verdadeiro) discípulo da Lei, a não ser os que somente dela obtêm sua sabedoria” [CALVIN, *Commentaries on the Four Last Books of Moses*, p. 345].

⁵⁹ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 53.

vontade de Deus que ele declara em sua Palavra. Deus requer de nós unicamente isto: o que ele preceitua. Se intentamos algo contra o seu preceito, obediência não é; pelo contrário, contumácia e transgressão.”⁶⁰ Portanto, Deus requer unicamente de nós a fidelidade aos seus preceitos: nada acrescentemos, nada tiremos.

3. O CULTO E A SANTA CEIA

... mistério que, na verdade, não vejo possa eu suficientemente compreender com a mente, e de bom grado por isso o confesso, para que não lhe meça alguém a sublimidade pela medidazinha de minha pobreza de expressão. (...) Portanto, nada resta, afinal, senão que prorrompa eu em admiração desse mistério ao qual nem pode estar em condições de pensá-lo claramente o intelecto, nem de explicá-lo a língua. – J. Calvino⁶¹

...Na Ceia [temos] uma veemente exortação a viver santamente, e sobretudo a manter a caridade e amor fraternal entre nós. Pois se na Ceia somos feitos membros de Jesus Cristo, sendo incorporados a ele e a ele unidos, que é a nossa cabeça, há razão mais que suficiente para que nos conformemos à sua pureza e inocência e mui especialmente que tenhamos entre nós a caridade e concórdia que deve reinar entre os membros de um mesmo corpo. – J. Calvino⁶²

3.1 A Palavra Sacramento

A palavra “sacramento” não ocorre nas Escrituras; ela vem do latim *sacramentum*, que, na Vulgata, traduziu o grego *musthion* (“mistério”). (Ver Ef 1.9; 3.3,9; 5.32; Cl 1.27; 1Tm 3.16; Ap 1.20; 17.7).⁶³ A palavra “sacramentum”, em si, significava primariamente um depósito financeiro feito em juízo entre as partes litigantes. Posteriormente, passou a significar aquilo que era separado como santo, ou o juramento que os soldados prestavam ao seu comandante, envolvendo as obrigações decorrentes deste compromisso.⁶⁴ Tornou-se clássica a definição de Agostinho (354-430) de sacramento como sendo a “palavra visível”⁶⁵ e um sinal visível de uma graça invisível.⁶⁶ Na Escolástica predominou o conceito de sacramento como a “Palavra visível de Deus”, distinguindo-a, mas não separando-a da Palavra audível de Deus.⁶⁷

⁶⁰ CALVINO, *As Institutas*, I.17.5.

⁶¹ *Ibid.*, IV.17.7.

⁶² CALVINO, Juan. Breve Tratado Sobre La Santa Cena. In: *Tratados Breves*. Buenos Aires/México, La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, 1959, p. 19.

⁶³ CALVINO, *As Institutas*, IV.14.2. Cf. BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. Campinas, SP. Luz para o Caminho, 1990, p. 622.

⁶⁴ CALVINO, *As Institutas*, IV.14.13; Cf. D. S. Schaff. *Nossas Crença e a de Nossos Pais*, 2ª ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1964, p. 290; BERKHOF, *Teologia Sistemática*, p. 622.

⁶⁵ AGUSTIN. On The Gospel of St. John: In: *Nicene And Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, 2ª ed. Vol. 7. Philip Schaff (Org.). Peabody: Hendrickson Publishers, 1995, p. 344b. (Doravante, citado como NPNF1)

⁶⁶ AGOSTINHO. *As Catequesis*, XXVI. 50; *Cartas*, 105.III,12. *Apud.*, CALVINO, *As Institutas*, IV.14.1.

⁶⁷ Cf. Sacramentum. In: MULLER Richard A. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 4ª ed., Grand Rapids: Baker Book House, 1993, p. 267.

3.2 O Sacramento da Ceia na Vida da Igreja

Calvino entende que somente Deus pode instituir o sacramento e que este traz consigo sempre uma promessa ou: “onde a promessa brilha na cerimônia”.⁶⁸ “O poder de instituir sacramentos só pertence ao Deus único. Pois, graças à promessa firme e segura de Deus, o sacramento deve dar segurança e consolo à consciência dos crentes, segurança que eles nunca poderiam obter dos homens. O sacramento deve ser para nós um testemunho da boa vontade de Deus para conosco.”⁶⁹ “O sacramento é um selo que se imprime no Testamento e na promessa de Deus”.⁷⁰ “O sacramento deve ser para nós um testemunho da boa vontade de Deus para conosco”.⁷¹

A Igreja alimenta-se dos sacramentos firmada na promessa de Deus, olhando firmemente para o autor da promessa: “Não há sacramento sem promessa de salvação. Nunca. Todos os homens juntos não saberiam nem poderiam garantir coisa alguma quanto à nossa salvação. Logo, não podem, eles mesmos, ordenar nem planejar nenhum sacramento. Por isso a igreja cristã se satisfaz com estes dois [Batismo e Santa Ceia]. E não somente não admite, nem aprova, nem reconhece no presente, mas também não deseja nem espera jamais um terceiro, até à consumação do século.”⁷² “Não devemos pôr a nossa confiança nos sacramentos, nem transferir para eles a glória de Deus, como se eles fossem a causa e a fonte das bênçãos que por meio deles recebemos. Antes, deixando de lado todas as coisas e delas nos desprendendo, elevemos e dirijamos o nosso testemunho de fé àquele que é o autor dos sacramentos e de todos os demais bens”.⁷³

A compreensão bíblica de Calvino a respeito da Ceia envolve uma síntese do pensamento de Lutero e de Zuínglio, conseguindo combinar de forma adequada o “espiritualismo”⁷⁴ de Zuínglio com o “realismo”⁷⁵ de Lutero, sem, contudo, limitar-se à perspectiva de ambos.⁷⁶

Antes de expor a sua interpretação a respeito da Ceia, Calvino faz uma advertência: “Isso confesso de boa vontade, a fim de que ninguém meça a grandeza do mistério por minhas palavras, as quais são tão fracas que sucumbem, totalmente vencidas. Mas, por outro lado, admoesto os leitores a que não se mantenham entre

⁶⁸ CALVINO, *As Institutas*, IV.13.

⁶⁹ *Ibid.*, Cf. “Ninguém pode ordenar ou instituir nenhum sinal ou símbolo que testifique alguma vontade e promessa de Deus. É unicamente Ele que, dando-nos um sinal, pode nos dar testemunho de Si mesmo” [CALVINO, *As Institutas*, (1541), IV.12].

⁷⁰ *Ibid.*, IV.13.

⁷¹ *Ibid.*, IV.13.

⁷² *Ibid.*, IV.12.

⁷³ *Ibid.*, III.10. “Os sacramentos confirmam e fortalecem a nossa fé, pondo diante dos nossos olhos a boa vontade do nosso Pai celestial para conosco, sendo que é no conhecimento da Sua boa vontade que subsiste a firmeza da nossa fé e se apóia toda a sua força. O Espírito igualmente confirma e fortalece a fé, na medida em que imprime em nosso coração essa confirmação tornando-a eficaz”.

⁷⁴ *Ibid.*, IV.17.5.

⁷⁵ *Ibid.*, IV.17.11,30.

⁷⁶ *Ibid.*, IV.17.19. SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 590ss.

marcos e limites tão estreitos, mas que subam a pontos mais altos, além daqueles aos quais eu os possa conduzir. Porque eu mesmo, sempre que trato dessa matéria, depois de esforçar-me para dizer tudo que posso, vejo quanto me falta para alcançar a excelência. E por maior que seja o entendimento, por mais capacidade que se tenha de pensar e de avaliar, e por melhor que a língua se exprima, não obstante, tudo isso é sobrepujado e humilhado por tal grandiosidade. Assim, não me resta outra coisa senão prostrar-me em admiração ante esse mistério; mistério tal que, para pensar nele adequadamente o entendimento não é suficiente, como também a língua é incapaz de o explicar”.⁷⁷

Calvino define “sacramento” como “um sinal exterior pelo qual o Senhor representa para nós e nos testifica a sua boa vontade para conosco, para sustentar, confirmar e fortalecer a nossa fraca fé. Também se pode definir diferentemente o sacramento e descrevê-lo como um testemunho da graça de Deus, testemunho declarado mediante um sinal exterior. Com isso vemos que jamais o sacramento é apresentado sem a Palavra de Deus, que o precede. Ele é acrescentado à Palavra como um apêndice ordenado para simbolizá-la, confirmá-la e certificá-la mais fortemente em nosso interesse, pois o Senhor vê que temos necessidade disto pela ignorância com que julgamos as coisas e pela fraqueza da nossa carne. Não significa que a Palavra não seja suficientemente forte e firme em si mesma, ou que ela própria careça de melhor confirmação e fortalecimento (porque outra coisa ela não é senão a verdade de Deus, em si e por si tão certa e segura que não pode receber de outra parte melhor confirmação e fortalecimento; só o pode receber de si mesma); o objetivo é que com ela e por ela sejamos fortalecidos”.⁷⁸

Os sacramentos são sinais visíveis que representam uma realidade espiritual, sendo-nos concedidos para ajudar a nossa fé – como pedagogos –, em sua limitação,⁷⁹ propiciando um recurso material para exemplificar uma realidade mais ampla e profunda, selando uma promessa que sempre lhes precede,⁸⁰ sendo como que colunas de nossa fé apoiadas sobre a Palavra que é o fundamento.⁸¹ Portanto, eles nada acrescentam à Palavra,⁸² mas nos conduzem sempre de volta à Palavra,

⁷⁷ CALVINO, *As Institutas*, IV.12.

⁷⁸ *Ibid.*, III.10. Do mesmo modo, na edição de 1559, escreve: “Um sinal externo mediante o qual o Senhor nos sela à consciência as promessas de Sua benevolência para conosco, a fim de sustener-nos a fraqueza da fé, e nós, de nossa parte, atestamos nossa piedade para com Ele, tanto diante dEle e dos anjos, quanto junto aos homens” [*Ibid.*, IV.14.1. *O Catecismo de Genebra*, Perg. 310].

⁷⁹ CALVINO, *As Institutas*, IV.14.1,3,6,8,9,12.

⁸⁰ *Ibid.*, IV.14.3.

⁸¹ *Ibid.*, IV.14.6. “Podemos usar ainda outras figuras para designar os sacramentos e, por elas, tornar a sua significação mais completa e mais clara. Por exemplo, podemos chamá-los colunas da nossa fé. Porquanto, assim como um edifício se fixa e se sustém sobre o seu fundamento, e, contudo, quando se acrescentam a ele colunas que lhe dêem suporte, ele se torna mais seguro e mais firme, assim também a fé descansa e se sustém sobre a Palavra de Deus como sobre seu fundamento; mas, quando lhe são acrescentados os sacramentos, estes lhe servem como colunas, sobre as quais se apóia com mais firmeza e mais se fortalece” [*Ibid.*, III.10].

⁸² *Ibid.*, IV.14.5.

atestando a sua fidedignidade.⁸³ Eles não têm nenhum poder mágico;⁸⁴ antes, a sua efetividade está na atuação do Espírito, nosso “Mestre interior”, pois se este nos faltar, “nada nos podem mais à mente oferecer os sacramentos que se ou a olhos cegos refulja o esplendor do sol, ou a ouvidos moucos ressoe uma voz”.⁸⁵ Tudo isso porém deve ser acompanhado de fé, que é então confirmada por aquele que antes a produziu,⁸⁶ já que a fé é a principal obra do Espírito.⁸⁷ O Espírito dispõe os nossos corações à Palavra e aos sacramentos.⁸⁸ Devemos, portanto, firmar-nos não nos sacramentos em si mesmos, mas em Deus: “Não devemos pôr a nossa confiança nos sacramentos, nem transferir para eles a glória de Deus, como se eles fossem a causa e a fonte das bênçãos que por meio deles recebemos. Antes, deixando de lado todas as coisas e delas nos desprendendo, elevemos e dirijamos o nosso testemunho de fé àquele que é o autor dos sacramentos e de todos os demais bens”.⁸⁹ Deste modo, os sacramentos compreendidos corretamente como sinais, podem, no entanto, nos sugerir dois caminhos, os quais devemos evitar por serem equivocados: nos deter nos sinais, exaltando desproporcionalmente o seu valor, ou desvalorizá-los excessivamente.⁹⁰ Ele entende que na Ceia “nos são oferecidos todos os dulçores do Evangelho”.⁹¹

Calvino observa que “sempre que Deus deu algum sinal aos patriarcas, o uniu indissolúvelmente com a doutrina, sem a qual nossos sentidos ficariam atônitos com a visão única do signo. Portanto, quando ouvimos menção da palavra sacramental, entendamos por ela a promessa, que deve ser pregada em voz alta pelo ministro para levar ao povo aonde tem o sinal.”⁹²

⁸³ *Ibid.*, IV.14.6.

⁸⁴ CALVIN, John. *Commentary upon the Acts of the Apostles*, (Calvin’s Commentaries), 1981, Vol. XVIII, (At 8.13), p. 335-336.

⁸⁵ CALVINO, *As Institutas*, IV.14.9/IV.1.14. Cf. *Catecismo de Genebra*, Perg. 312. *The Consensus Tigurinus* (1549, publicado em 1551) – Sobre a história deste “Consensus”, Cf. SCHAFF, P. *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. pp. 471-473). “Atribuo aos sacramentos o ofício de confirmar e aumentar a fé, não porque eu considere que eles tenham em si a virtude necessária e perpétua para fazerem isso, mas porque foram instituídos por Deus para essa finalidade. De resto, eles produzem eficazmente o esperado efeito quando o Mestre interno, instruidor do espírito, lhes acrescenta a Sua virtude, único poder capaz de penetrar o coração, sensibilizar nossos afetos e possibilitar a entrada dos sacramentos em nosso ser interior. Se esta ação do Espírito de Deus faltar, os sacramentos não poderão oferecer ao nosso espírito mais que aquilo que a luz do Sol pode oferecer aos cegos, nem mais que o que uma voz altissonante pode dar a ouvidos surdos. Por isso eu traço esta diferença entre o Espírito e os sacramentos: que o poder de ação reside no Espírito, só restando aos sacramentos a função de instrumentos dos quais o Senhor se serve a nosso favor, sendo que serão inúteis e vão sem a operação do Espírito. Grande é, porém, a sua eficácia, quando o Espírito age internamente” [*Ibid.*, (1541), III.10].

⁸⁶ *Ibid.*, IV.14.9,16. *Catecismo de Genebra*, Perg. 317.

⁸⁷ CALVINO, *As Institutas*, III.1.4.

⁸⁸ *Ibid.*, IV.14.10. Calvino, ao contrário de Zuínglio e Lutero, atribuiu grande importância à agência sobrenatural do Espírito Santo na celebração da Ceia. Cf. SCHAFF, *History of the Christian Church*, p. 592.

⁸⁹ CALVINO, *As Institutas*, III.10.

⁹⁰ *Ibid.*, IV.17.5.

⁹¹ *Ibid.*, IV.12.

⁹² *Ibid.*, IV.14.4.

Creio que Calvino resume bem o seu pensamento a este respeito quando diz:

Pelo que, fixo permaneça que não são outras as funções dos sacramentos que da Palavra de Deus, as quais são oferecer-nos e apresentar-nos Cristo, e nEle os tesouros da graça celeste. Nada, entretanto, conferem ou aproveitam, a menos que recebidos em fé, não diferentemente do vinho, ou óleo, ou outro líquido, não importa o quão copiosamente o derrames, efluirá, no entanto, e se perderá, a menos que aberto o bocal do vaso, mas, o vaso mesmo, regado de todos os lados, permanecerá, não obstante, inane e vazio. (...) Aqui também é de notar-se que Deus realiza interiormente o que o ministro representa e atesta pela ação externa, para que não seja atribuído ao homem mortal o que Deus para Si só reivindica.⁹³

Ele faz uma analogia entre o alimento físico e o espiritual, mostrando que aquele, que é fundamental para a manutenção de nosso corpo, Deus, como Pai providente, nos tem dado como “testemunho de sua bondade paternal”.⁹⁴ “Porém – continua –, assim como é espiritual a vida em que nos há regenerado, é preciso que também o seja o alimento que deve nutrir-nos e confirmar-nos nela.”⁹⁵

Calvino, combatendo o costume da Alta Idade Média de se celebrar a Ceia uma vez por ano,⁹⁶ mostra que no início da igreja não era assim.⁹⁷ Portanto, sus-

⁹³ *Ibid.*, IV.14.17. “... Devemos precaver-nos de transferir para o sinal, ou para o ministro, o que pertence exclusivamente a Deus – ou seja, imaginar que o ministro é o autor da lavagem, ou que a água limpa as impurezas da alma, o que somente o sangue de Cristo pode efetuar. Em síntese, devemos precaver-nos de aplicar alguma porção de nossa confiança ao elemento ou ao homem; pois o propósito legítimo e próprio do sacramento é levar-nos pela mão diretamente a Cristo e firmar-nos nele” [CALVINO, *Efésios*, p. 169]. “O poder e o uso dos sacramentos são corretamente subentendidos quando conectamos o sinal com aquilo que está implícito nele, de tal forma que o sinal não é algo vazio e ineficaz, e quando, querendo enaltecer o sinal, não despojamos o Espírito Santo do que lhe pertence. (...) Se porventura não fizermos nem quisermos fazer do santo batismo um ato nulo e vazio, devemos provar sua eficácia através da novidade de vida” [CALVINO, *As Pastorais*, p. 350]. “O homem crente, ao ver o sacramento, não se prende à exterioridade, mas sim, com santa consideração, eleva-se para contemplar os altos mistérios ali ocultos conforme a harmonia existente entre a figura carnal e a realidade espiritual” [CALVINO, *As Institutas*, (1541), III.10].

⁹⁴ “Porque quando vemos o pão que nos é apresentado como sinal do sacramento do corpo de Jesus Cristo, devemos imediatamente tomar essa figura ou semelhança no sentido de que, assim como o pão nutre, sustenta e mantém a vida do nosso corpo, assim também o corpo de Jesus Cristo é o alimento, a nutrição e a preservação da nossa vida espiritual. E quando vemos o vinho que nos é oferecido como sinal do sangue de Jesus Cristo, somos levados a pensar no efeito e no proveitoso benefício do vinho para o corpo humano, fazendo-nos apreciar o que o sangue de Jesus Cristo efetua em nós e o proveito que nos dá espiritualmente. Ele nos fortalece, nos consola, nos dá refrigério e nos alegra. Porque, se avaliarmos bem a bênção que é para nós o fato de que o corpo sacratíssimo de Jesus foi entregue e Seu sangue foi derramado por nós, veremos claramente que é muito próprio o que se atribui ao pão e ao vinho, nos termos desta analogia e simile” [CALVINO, *As Institutas*, (1541), IV.12].

⁹⁵ CALVINO, *Breve Tratado Sobre La Santa Cena*, p. 8. Cf. *As Institutas*, IV.17.1,3.

⁹⁶ *Ibid.*, IV.17.46. Calvino refere-se à decisão do 4º Concílio de Latrão (1215), Cânon XXI. No Novo Testamento encontramos testemunho que indica a celebração diária da Ceia em Jerusalém (At 2.42-47) e, aos domingos em Trôade (At 20.7). Nos séculos seguintes, a Ceia era celebrada dominicalmente em algumas igrejas; em outras, diariamente e ainda, em outras, em três dias da semana, gerando uma variedade de formas de celebração e o pior, falta de discernimento [Cf. Agostinho. Letter 54.2. In: SCHAFF, *Nicene*

tenta que a Ceia deveria ser celebrada semanalmente⁹⁸ e que todos os membros deveriam participar do pão e do vinho.⁹⁹ Escreve: “Pois bem, é necessário proceder doutra forma. Ao menos uma vez por semana se deve oferecer à congregação dos cristãos a Ceia do Senhor; e devem ser proclamadas as promessas que, presentes nela, nos renovam e nos nutrem espiritualmente. Certamente ninguém deve ser constrangido a participar, mas todos devem ser exortados e, quem se mostrar negligente, deve ser repreendido e corrigido. Então, que todos, como que famintos espiritualmente, se reúnam para tão feliz repasto. Portanto, não é sem motivo que desde o começo eu insisto em dizer que a prática ordenada de uma ministração da Ceia por ano, que nos torna preguiçosos e nos faz dormir por todo o resto do tempo, foi introduzida pela astúcia do Diabo.”¹⁰⁰ Na realidade, para tristeza de Calvino, a sistematicidade da Ceia por ele proposta jamais foi praticada em Genebra. Os magistrados compreendiam que a Ceia deveria ser ministrada apenas quatro vezes por ano.¹⁰¹ No entanto, “Calvino procurou atenuar a severidade destes decretos fazendo arranjos para que as datas da comunhão variassem em cada igreja da cidade, provendo assim oportunidade para a comunhão mais freqüente do povo, que podia comungar em uma igreja vizinha,”¹⁰² costume este que se tornou comum na Escócia.¹⁰³ No entanto, em Genebra Calvino não teve esta oportuni-

And Post-Nicene Fathers, Vol. I, p. 321; *Idem.*, *On The Gospel of St. John*, Tractate XXVI.2 e 7 In: *NPNFI.*, Vol. 7, pp. 168-169; 170; CRISÓSTOMO. *Homilies on the Gospel of Saint Matthew*, 50.3. In: *NPNFI.*, Vol. 10, pp. 312-313; *Idem.*, *Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy*, V. In: *NPNFI.*, Vol. 13, pp. 423-426). Crisóstomo recrimina aqueles que vão à celebração da Ceia mas não participam, retirando-se então ou alegando indignidade [CRISÓSTOMO. *Homilies on Ephesians*, III. In: *NPNFI.*, Vol. 13, pp. 63-64]. Calvino também discute algumas destas questões em *As Institutas*, IV.17.43ss.

⁹⁷ *Ibid.*, IV.17.44-45.

⁹⁸ *Ibid.*, IV.17.44,46. “Quanto à sacra Ceia, é conveniente que seja administrada com bastante freqüência, ao menos uma vez por semana, e que seja oferecida à igreja desta maneira” [*Ibid.*, (1541), IV.12]. “Para a igreja, a ceia era tão importante como nutrição espiritual que Calvino advogava sua celebração semanal” [GEORGE, *Teologia dos Reformadores*, p. 238].

⁹⁹ *Ibid.*, IV.17.48.

¹⁰⁰ *Ibid.*, IV.12.

¹⁰¹ Cf. HUSTAD, *Jubilate! A Música na Igreja*, p. 119; Cf. REID, W. Stanford. *El Culto Reformado*. In: *Diccionario de la Teología Práctica*. R. G. Turnbull (Org.). Grand Rapids: SLC, 1977, p. 45. Numa tentativa de negociar com os magistrados de Genebra, Calvino propôs então, que a Ceia fosse ministrada mensalmente; contudo, nem com isso concordaram [VAN HALSEMA, Thea B., *João Calvino era Assim*, p. 81; BAIRD, Charles W. *A Liturgia Reformada: Ensaio histórico*. Santa Bárbara D’Oeste, SP.: SOCEP, 2001, p. 28]. Em Berna a Ceia era ministrada 3 vezes ao ano; Calvino em carta aos Magistrados de Berna (1555), lamenta a prática de Berna e Genebra – que considerava um erro –, dizendo: “Queira Deus, cavalheiros, que tanto vós como nós sejamos capazes de estabelecer um uso mais freqüente. . .” [CALVIN, John. *To the Seigneurs of Berne*. In: *John Calvin Collection*, p. 163. CD-ROM]. Calvino não perdeu apenas esta questão. Ele entendia que durante o culto deveria haver uma declaração de perdão feita pelo dirigente após a confissão de pecados. No entanto, como não encontrou apoio para esta prática, cedeu [Cf. BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 22 e p. 28].

¹⁰² MAXWELL, William D. *El Culto Cristiano: sua evolución y sus formas*. s.l:s.ed., s.d. pp. 140-141. Esta prática era comum em Estrasburgo desde 1534. Conforme decisão de um Sínodo realizado em junho de 1533, “a Santa Ceia deveria ser celebrada ao menos uma vez por mês em cada igreja, com um rodízio para assegurar a celebração todo domingo ao menos numa igreja”.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 141.

de, já que os magistrados determinaram que a Ceia fosse celebrada no Natal, na Páscoa, no Pentecostes e na Festa das Colheitas.¹⁰⁴

Se por um lado Calvino conviveu com a separação entre a Palavra e a Ceia, não admitia o Sacramento sem a Palavra, já que a “correta ministração do sacramento não subsiste à parte da Palavra. Pois, qualquer benefício que seja, que da Ceia nos provém, requer a Palavra...”,¹⁰⁵ visto que sem a Palavra “os sacramentos não são sacramentos”.¹⁰⁶

Entre o final de 1539 e o início de 1540, Calvino publicou seu primeiro manual de culto completo em língua francesa (*Razão e Forma Pública da Oração, da Administração dos Sacramentos e Outros*), contendo diversos salmos e versos acompanhados de suas respectivas melodias para o canto congregacional.¹⁰⁷ Aliás, como diz Baird, Calvino “introduziu também a prática regular do cântico da congregação.”¹⁰⁸

Essa primeira edição, infelizmente, não sobreviveu; só existem exemplares da segunda edição em diante, a de Genebra (1542) e a de Estrasburgo (1542).¹⁰⁹ Este “Manual” continuou sendo adotado em Estrasburgo pelos seus sucessores à frente daquele rebanho, tais como Pierre Brully¹¹⁰ e Valérand Pullain.¹¹¹ Comparando-se, entretanto, a liturgia de Estrasburgo com a de Genebra, observa-se que esta foi ainda mais simplificada, ao que parece por influência dos magistrados genebrinos.¹¹² Calvino esforçou-se por recuperar o sentido singelo da Santa Ceia conforme descrito nos Evangelhos e praticado na igreja primitiva.¹¹³ No seu “Manual do Culto”, intitulou: “As formas das orações e maneira de administrar os sacramentos de acordo com o uso da Igreja antiga.”¹¹⁴

¹⁰⁴ CALVIN, *To the Seigneurs of Berne*, p. 163. Cf. MAXWELL, *El Culto Cristiano*, p. 141. As cinco festas da Igreja Reformada eram: Natal, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Assunção e Pentecostes [Cf. BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 28].

¹⁰⁵ CALVINO, *As Institutas*, IV.17.39.

¹⁰⁶ *Ibid.*, IV.12.

¹⁰⁷ Cf. MAXWELL, *El Culto Cristiano*, p. 136. Figueiredo comenta: “Calvino entendia que a Igreja, para ser unida, deveria submeter-se a regras paramétricas doutrinárias, disciplinares, governamentais e litúrgicas. Cada comunidade prestando culto à sua maneira, a porta ficaria aberta às distorções, aos desvios, e às divisões. O culto é importante demais para ficar à mercê de idiosincrasias de lideranças, nem sempre bem formadas, ou exposto às influências externas.” [FIGUEIREDO, Onézio. *Culto (Opúsculo II)*. São Paulo: s.ed., 1997, p. 25].

¹⁰⁸ BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 26.

¹⁰⁹ Cf. MAXWELL, *El Culto Cristiano*, p. 136.

¹¹⁰ “Pierre Brully, publicou uma segunda edição do livro de liturgia, que era, na verdade, uma reedição da primeira. O título desta obra era *A Forma de fazer Orações nas Igrejas Francesas*” [Cf. SILVA, *A Música na Liturgia de Calvino*, p. 91].

¹¹¹ Cf. MAXWELL, *El Culto Cristiano*, p. 136.

¹¹² *Ibid.*, pp. 137-138 e LEITH, John H. *A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã*. São Paulo: Pendão Real, 1997, pp. 293-296.

¹¹³ Em 1541 escreveria: “... todas as Igrejas bem ordenadas devem ter o costume de celebrar com freqüência a Ceia, segundo a capacidade do povo. E cada um em particular deve preparar-se para recebê-la cada vez que é administrada na congregação, a menos que algum grande impedimento o obrigue a abster-se” [CALVINO, *Breve Tratado Sobre La Santa Cena*, pp. 26-27].

¹¹⁴ Cf. MAXWELL, *El Culto Cristiano*, p. 136.

Do que foi exposto subentende-se que o sacramento é composto de três partes, a saber: 1) o sinal visível; 2) a graça interna que o acompanha; 3) a unidade entre o sinal e a coisa significada; neste ponto temos a essência do sacramento. “O sinal externo torna-se um meio empregado pelo Espírito Santo na comunicação da graça divina.”¹¹⁵

4. O CULTO E OS CÂNTICOS

Mark Noll inicia o capítulo nove do livro *Momentos Decisivos na História do Cristianismo* assim:

A enxurrada de hinos protestantes que inundou a Europa juntamente com as primeiras crises da Reforma criou dificuldades incomuns para a Igreja Católica Romana. O canto congregacional estava associado ao protestantismo de maneira tão profunda e os protestantes foram tão eficazes na utilização dos hinos que alguns personagens importantes da Igreja Católica por breve tempo consideraram a proibição da música nas missas.¹¹⁶

Para os reformadores, os cânticos tinham um grande apelo didático, objetivando, inclusive, a fixação das Escrituras. Como a Escritura é a Palavra de Deus, cantá-la significa lembrar e fixar os seus ensinamentos.¹¹⁷ Calvino não ignorava o poder da música: “... Todos sabemos, pela própria experiência, quão tremendo é o poder da música para agitar as emoções do ser humano; como corretamente ensina Platão,¹¹⁸ dizendo que, de uma forma ou outra, a música é da maior importância para moldar o caráter moral do Estado.”¹¹⁹ O canto tem também uma relação direta com a nossa experiência religiosa, não estando relacionado simplesmente a momentos de lazer e entretenimento. Além de refletir a nossa fé – pelo fato de seu conteúdo amparar-se na Palavra –, cantar tem também uma conotação de lembrança e estímulo espiritual para aquele que canta. É como o “*falar entre vós com salmos*” recomendado por Paulo (Ef 5.19). Comentando o Salmo 13, quando Davi estava em grande aflição e mesmo assim concluiu afirmando: “*Cantarei ao Senhor, porquanto me tem feito muito bem*”, Calvino diz: “... Davi, ao apressar-se com prontidão de alma a cantar os benefícios divinos, mesmo antes que os houvesse recebido, coloca o livramento, que aparentemente estava então distante, imediatamente diante de seus olhos.”¹²⁰ Do mesmo modo, comen-

¹¹⁵ BERKHOF, *Teologia Sistemática*, p. 623.

¹¹⁶ NOLL, Mark A. *Momentos Decisivos na História do Cristianismo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000, p. 206.

¹¹⁷ Cf. OLD, Hughes Oliphant. *Worship: That Is Reformed According to Scripture*. s.l.: s.ed., s.d., pp. 52-53.

¹¹⁸ Platão, cita uma frase do famoso mestre de música ateniense do 5º séc. a.C., Dâmon: “... Nunca se abalam os gêneros musicais sem abalar as mais altas leis da cidade...” [PLATÃO, *A República*, 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1993], 401d. p. 133]. Ele sustenta que o ritmo e a harmonia devem se adaptar à palavra (p. 131) e que “a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afetam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita...” (p. 133).

¹¹⁹ CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 414. Cf. PLATÃO, *A República*, pp. 168-170.

¹²⁰ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 269.

tando o salmo 40, diz que à medida que Deus nos socorre, devemos nos exercitar em louvar agradecidamente a ele: “Devemos exercitar-nos a um fervoroso zelo nesse santo exercício, de sorte que nossos cânticos correspondam à grandeza do favor que porventura nos tenha sido conferido.”¹²¹ Uma fé que se expressa em cântico se fortalece do seu próprio conteúdo proveniente da Palavra de Deus.

Ele também optou pelo cântico de Salmos, entendendo que somente a Palavra de Deus era digna de ser cantada.¹²² No Prefácio do *Saltério Genebrino*, Calvino explica-nos os motivos dessa prática: “Os salmos nos incitam a louvar a Deus, orar a Ele, meditar nas suas obras a fim de que o amemos, temamos, honremos e o glorifiquemos. O que Santo Agostinho diz é totalmente verdade; a pessoa não pode cantar nada mais digno de Deus do que aquilo que recebemos dele”.¹²³ Aqui, obviamente, está implícito o princípio da inspiração bíblica: Os Salmos provêm do Espírito Santo.

O cântico congregacional – que como tudo o mais deve ser acompanhado do verdadeiro afeto do coração – tornou-se uma parte importante na liturgia de Calvino.¹²⁴ O cântico a quatro vozes era utilizado no culto;¹²⁵ todavia, ele enfatizou o cântico congregacional.¹²⁶

Ainda que Calvino fosse apreciador da harpa,¹²⁷ os cânticos eram como na sinagoga, sem acompanhamento instrumental.¹²⁸ As orações eram sugeridas, mas não deveriam ser lidas; eram espontâneas.¹²⁹ O Pai Nosso e o Credo Apostólico eram recitados pela congregação.¹³⁰ Como já vimos, ele colocou a Eucaristia como elemento integrante do culto público e deu ênfase especial à Palavra de Deus como elemento central do culto.¹³¹ “As Igrejas Reformadas simbolizaram isto nos edifícios que ergueram durante a Reforma, ao colocar o púlpito à frente e no centro do templo.”¹³²

Calvino entendia que “os salmos constituem uma expressão muito apropriada da fé reformada”¹³³ e que “tudo quanto nos serve de encorajamento, ao nos por-

¹²¹ *Ibid.*, p. 217.

¹²² Cf. HUSTAD, *Jubilate! A Música na Igreja*, p. 119; REID, *El Culto Reformado*, pp. 41-42.

¹²³ *Apud* OLD, *Worship: That Is Reformed According to Scripture*, pp. 51-52.

¹²⁴ Cf. CALVINO, *As Institutas*, III.20.31-32.

¹²⁵ Cf. LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 337, seguindo aqui as conclusões de Doumergue. Contraste esta informação com o próprio conceito de Calvino em *As Institutas*, III.20.32.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 299.

¹²⁷ CALVIN, *Calvin's Commentaries*, pp. 217-218; LESSA, Vicente Temudo. *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.], p. 118.

¹²⁸ REID, *El Culto Reformado*, p. 42. Lembremo-nos de que a música estava subordinada à Palavra e que o órgão era usado no século XVI com “propósitos não litúrgicos” [Cf. LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 336].

¹²⁹ REID, *El Culto Reformado*, p. 42-43; HUSTAD, *Jubilate! A Música na Igreja*, p. 119; BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 23.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 43.

¹³¹ SCHAFF, *History of the Christian Church*, p. 371.

¹³² REID, *El Culto Reformado*, p. 43.

¹³³ LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 336.

mos a buscar a Deus em oração, nos é ensinado neste livro [Salmos].”¹³⁴ Portanto, no Livro de Salmos temos um guia seguro para a edificação da igreja, que pode cantá-lo sem correr o risco de proferir heresias melodiosas. “Não existe outro livro onde mais se expressem e magnifiquem as celebrações divinas, sejam da liberalidade de Deus sem paralelo em favor de sua Igreja, sejam de todas as suas obras. (...) Não há outro livro em que somos mais perfeitamente instruídos na correta maneira de louvar a Deus, ou em que somos mais poderosamente estimulados à realização desse sacro exercício.”¹³⁵ Calvino considerava os Salmos como “uma anatomia de todas as partes da alma”.¹³⁶ Creio que isso explica, ainda que parcialmente, o seu tom tão pastoral no Comentário de Salmos. Nos Salmos, Calvino, dentro da sua discrição característica, se expõe de um modo mais pessoal. Acredito que em nenhum outro de seus comentários temos acesso tão direto ao coração de Calvino como nesses. No prefácio do seu comentário do Livro de Salmos, ele diz: “Se a leitura destes meus comentários confere algum benefício à Igreja de Deus como eu obtive vantagem da composição deles, eu não terei nenhuma razão para lamentar por ter empreendido este trabalho.”¹³⁷

Quanto à questão da música na Igreja, Calvino seguiu de perto o pensamento de Agostinho (354-430) que, nas *Confissões*, havia demonstrado de forma enfática a preocupação em não se deixar conduzir pela melodia, sem a devida meditação na letra.¹³⁸

Assim, Calvino escreveu:

Nem, contudo, aqui condenamos a voz ou o canto, senão que antes, muito os recomendamos, desde que acompanhem o afeto da alma. Ora, assim exercitam a mente na cogitação de Deus e a retêm atenta, a qual, como é escorregadia e versátil, facilmente se afrouxa e a variadas direções se distrai, a menos que seja de variados adminículos sustentada. Ademais, como em cada parte de nosso corpo, uma a uma, deva luzir, de certo modo, a glória de Deus, convém especialmente seja a língua, que foi criada peculiarmente para declarar e proclamar o louvor de Deus, adjudicada e devotada a este ministério, quer cantando, quer falando...¹³⁹

E, certamente, se a essa gravidade que convém à vista de Deus e dos anjos haja sido temperado o canto, por um lado, concilia dignidade e graça aos atos sacros, por outro, muito vale para incitar os ânimos ao verdadeiro zelo e ardor de orar. Contudo, impõe-se diligentemente guardar que não estejam os ouvidos mais atentos à melodia que a mente ao sentido espiritual das palavras. [...]

¹³⁴ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 34.

¹³⁵ *Ibid.*, pp. 35-36. Bonhoeffer (1906-1945) apreciando o Livro de Salmos, diz: “Devemos ler vários Salmos diariamente e, de preferência, em conjunto, a fim de lermos este livro diversas vezes ao ano, penetrando nele com mais profundidade. (...) Ao esquecer-se do Saltério, a cristandade perde um tesouro inigualável. Ao recuperá-lo, será presentada com forças jamais imaginadas” [BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*. Curitiba, PR: Encontro Editora, 1995, pp. 23-24]. Agostinho (354-430), também já demonstrara o quanto a leitura dos Salmos foi importante em sua vida [Cf. AGOSTINHO, *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 175].

¹³⁶ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 33.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 31.

¹³⁸ AGOSTINHO, *Confissões*, pp. 219-220.

¹³⁹ CALVINO, *As Institutas*, III.20.31.

Aplicada, portanto, esta moderação, dúvida nenhuma há de que seja uma prática muito santa e sadia, da mesma forma que, por outro lado, todos e quaisquer cantos que hão sido compostos apenas para o encanto e o deleite dos ouvidos nem são compatíveis com a majestade da Igreja, nem podem a Deus não desagradarem sobremaneira.¹⁴⁰

Na elaboração do que seria conhecido como o *Saltério Genebrino*, Calvino traduziu alguns salmos [25, 36, 43, 46, 91, 113, 120, 138 e 142],¹⁴¹ valendo-se efetivamente do talento do poeta francês Clément Marot (c. 1496-1544) – que conhecera na Corte da Duquesa de Ferrara em 1536¹⁴² – e de Théodore de Beza (1519-1605). Posteriormente recorreu ao precioso trabalho do compositor francês Loys Bourgeois (c.1510-c. 1560),¹⁴³ “pai do moderno hino de louvor”¹⁴⁴ – , que adaptou canções populares¹⁴⁵ e antigos hinos latinos e também compôs outras músicas para a métrica dos salmos de Marot,¹⁴⁶ e Claude Goudimel (1510-1572),¹⁴⁷ o qual, aderindo à Igreja Reformada em 1562, viria a morrer em Lyon no massacre da noite de São Bartolomeu. As lindas melodias de Goudimel tornaram-se um ingrediente enriquecedor do Saltério e também contribuíram em muito para a sua divulgação. “Goudimel, particularmente, tinha em mente, em suas composições, uma família cantando no lar.”¹⁴⁸ O Saltério iniciado por Calvino em 1539 dispunha de 19 salmos. Mais tarde, seriam impressas várias edições em Genebra (1543), contendo 50 salmos, e uma outra em Estrasburgo (1545). As edições foram sendo aumentadas até a definitiva, concluída por Beza (c.1561-1562).¹⁴⁹ Ele

¹⁴⁰ *Ibid.*, III.20.32. BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, pp. 577-578.

¹⁴¹ Cf. MCNEILL, John T. *The History and Character of Calvinism*. New York: Oxford University Press, 1954, p. 148; SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 374.

¹⁴² *Ibid.*, Vol. VIII, p. 374; BIÉLER, *O pensamento econômico e social*, p. 133. Marot musicou 81 salmos [Cf. SILVA, Jouberto Heringer, *A Música na Liturgia de Calvino*, p. 97].

¹⁴³ KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, pp. 176-177.

¹⁴⁴ Conforme expressão citada por Jouberto Heringer Silva [Cf. SILVA, *A Música na Liturgia de Calvino*, p. 98].

¹⁴⁵ Isso foi feito com o objetivo de que “agora o povo não cantaria mais no bar ou na rua, mas no santuário, e assim, em suas melodias levaram a seriedade do coração a triunfar sobre o calor das paixões inferiores” [KUYPER, *Calvinismo*, p. 176].

¹⁴⁶ Cf. DOBBINS, Frank. Loys Bourgeois. In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. Stanley Sadie (Org.). New York: Macmillan Publishers, 1980, p. 111; KUYPER, *Calvinismo*, pp. 175-176. A tradução de Marot tornou-se extremamente popular na corte e na cidade, advogando “materialmente” a causa da Reforma na França [Cf. WATSON, F.J.B. Clément Marot. In: *Encyclopaedia Britannica*. Harry S. Ashmore (Org.). Vol. 14. Chicago: Encyclopaedia Britannica, INC, 1962, p. 936], ainda que ele não fosse propriamente reformado, tendo um comportamento ambíguo [Cf. DICKINSON, Edward. *Music in The History of The Western Church*. London: Smith, Elder & Co., 1902, pp. 359-360].

¹⁴⁷ KUYPER, *Calvinismo*, pp. 176-177.

¹⁴⁸ COURTHIAL, Pierre. A Idade de Ouro do Calvinismo na França: (1533-1633). In: REID, S. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 107.

¹⁴⁹ DICKINSON, *Music in The History of The Western Church*, p. 360; SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 374; BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 26. O trabalho de Beza também foi decisivo na metrificação dos Salmos [Cf. SILVA, *A Música na Liturgia de Calvino*, p. 96].

tornou-se “um dos livros mais importantes da Reforma”,¹⁵⁰ tendo um verdadeiro “dom de línguas”, visto que foi traduzido para o alemão, holandês, italiano, espanhol, boêmio, polonês, latim, hebraico, malaio, tamil, inglês, etc., sendo usado por católicos, luteranos e outros grupos.¹⁵¹

Comentando o Livro de Gênesis, Calvino diz:

Embora a invenção da harpa e de similares instrumentos de música, possa servir antes ao deleite e ao prazer que à necessidade, ainda assim não se pode tê-los por de todo supérfluos e ainda menos merecem ser condenados.¹⁵²

É verdade que se impõe condenar a voluptuosidade que não se afina com o temor de Deus e o benefício comum da comunidade humana. A música, entretanto, é de tal natureza que pode ser aplicada aos exercícios de piedade e pode beneficiar aos homens, escoimada dos viciosos engodos e, também, da vã deleitação que detrai os homens de melhores exercícios para ocupá-los com a vaidade.¹⁵³

No prefácio da edição de 1542 do *Saltério Genebrino*, Calvino escreveu: “... Nós sabemos por experiência que o canto tem grande força e vigor para mover e inflamar os corações dos homens, a fim de invocarem e louvarem a Deus com um mais veemente e ardente zelo.”¹⁵⁴

Um estudante francês refugiado que visitou a Igreja de Calvino em Estrasburgo (1545) descreveu emocionado o que viu: “Todos cantam, homens e mulheres, e é um belo espetáculo. Cada um tem um livro de cânticos nas mãos. (...) Olhando para esse pequeno grupo de exilados, chorei, não de tristeza, mas de alegria, por ouvi-los todos cantando tão sinceramente, enquanto cantavam agradecendo a Deus por tê-los levado a um lugar onde seu nome é glorificado.”¹⁵⁵

Os salmos tiveram um papel extremamente marcante na formação espiritual dos reformados, constituindo-se também em uma de suas grandes demonstrações de fé. Schaff resume: “A introdução do Saltério na língua vernácula foi um dos mais importantes feitos, e o começo de um longo e heróico capítulo na história do culto

¹⁵⁰ LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 299. Também, p. 40.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 299. Ele também se tornou um grande sucesso editorial, sendo publicadas 25 edições já no primeiro ano de sua edição. Nos quatro anos seguintes foram publicadas 62 edições [Cf. *Ibid.*, p. 336]. Curiosamente, Schaff diz que o “Saltério de Genebra” nunca se tornou popular [Cf. SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, pp. 265-266]. Talvez Schaff possa estar se referindo ao possível fato do “Saltério Genebrino”, mesmo tendo sido traduzido para vários idiomas, jamais ter usufruído maciçamente do gosto popular, o que de fato não é impossível, tendo acontecido fatos semelhantes em nossa própria igreja no Brasil.

¹⁵² Em outro ponto: “A invenção das artes e outras coisas que servem ao uso comum e ao conforto desta vida é um dom de Deus que não é de desprezar e uma virtude digna de louvor” [CALVIN, *Calvin's Commentaries*, p. 217].

¹⁵³ LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 218.

¹⁵⁴ *Apud* MCNEILL, *The History and Character of Calvinism*, p. 148.

¹⁵⁵ *Apud* GEORGE, *Teologia dos Reformadores*, p. 181. Cf. MCNEILL, *The History and Character of Calvinism*, p. 147; SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 373.

e da vida cristã. O Saltério ocupa um lugar tão importante na Igreja Reformada como os hinos entre os luteranos.¹⁵⁶ Ele foi uma fonte de conforto e força para a Igreja no Deserto, dos huguenotes, e para os covenanters¹⁵⁷ presbiterianos da Escócia, nos dias de amargo sofrimento e perseguição.”¹⁵⁸

Em 7 de julho de 1553, Calvino escreveu mais uma carta aos “prisioneiros de Lyon” que aguardavam a sua condenação por terem aderido à Reforma Protestante. Ele a dirigiu em especial a dois deles: Denis Peloquin de Blois e Louis de Marsac. A certa altura, diz:

Meus irmãos (...), estejam certos de que Deus, que se manifesta em tempos de necessidade e aperfeiçoa sua força em nossa fraqueza, não vos deixará desprovidos daquilo que poderosamente glorificará o seu nome. (...) E como vocês sabem, temos resistido firmemente às abominações do papado, a menos que nós renunciássemos ao Filho de Deus, que nos comprou para si mesmo pelo precioso preço. Meditem, igualmente, naquela glória celestial e imortalidade para as quais nós somos chamados, e é certo de alcançar pela cruz — por infâmia e morte. De fato, para a razão humana é estranho que os filhos de Deus sejam tão intensamente afligidos, enquanto os ímpios divertem-se em prazeres; porém, ainda mais, que os escravos de Satanás esmaguem-nos sob seus pés, como diríamos, e triunfem sobre nós. Contudo, temos meios de confortar-nos em todas as nossas misérias, buscando aquela solução feliz que está prometida para nós, que ele não apenas nos libertará mediante seus anjos, mas pessoalmente enxugará as lágrimas de nossos olhos.¹⁵⁹

E, assim, temos todo o direito de desprezar o orgulho desses pobres homens cegos, que para a própria ruína levantam seu ódio contra o céu; e, apesar de não estar neste momento em suas condições, nem por isso deixamos de lutar junto com vocês em oração, com ansiedade e suave compaixão, como companheiros, percebendo que agradou a nosso Pai celeste, em Sua bondade infinita, unir-nos em um só corpo sob seu Filho, nosso cabeça. Pelo que eu lhe suplicarei que possa garantir a vocês essa graça; que ele os conserve sob sua proteção e lhes dê tal segurança disso que possam estar aptos a desprezar tudo o que é deste mundo. Meus irmãos os saúdam mui afetuosamente, e assim também muitos outros. — Seu irmão, João Calvino.¹⁶⁰

¹⁵⁶ Lutero foi o criador do primeiro hinário alemão (1524), e, depois, também elaborou o *Hinário de Wittenberg* (1529). Ele pode ser considerado o fundador da hinologia alemã e o grande difusor da música na Igreja. Lutero compôs 36 hinos e várias melodias, as quais adaptou aos hinos.

¹⁵⁷ Presbiterianos escoceses que lutaram contra o estabelecimento do sistema episcopal de governo na Igreja da Escócia. Sustentavam a manutenção do presbiterianismo, conforme fora acordado pelos Parlamentos da Escócia e Inglaterra, respectivamente em 1638 e 1649.

¹⁵⁸ SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 374.

¹⁵⁹ Comentando o salmo 56.8, Calvino assim se expressou: “... Se Deus concede tal honra às lágrimas de seus santos [lembrar-se delas], então pode ele contabilizar cada gota do sangue que eles derramaram. Os tiranos podem queimar sua carne e seus ossos, mas seu sangue continua a clamar em altos brados por vingança; e as eras intervenientes jamais poderão apagar o que foi escrito no registro divino das memórias” [CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 501].

¹⁶⁰ CALVIN, To the Prisoners of Lyons, “Letters”. In: *John Calvin Collection*, nº 320. CD-ROM.

Louis de Marsac lhe responde da prisão:

Senhor e irmão, eu não posso expressar o grande conforto que recebi... da carta que você enviou para meu irmão Denis Peloquin, que passou-a a um de nossos irmãos que estavam numa cela abobadada acima de mim, e leu-a para mim em voz alta, porque eu não pude lê-la por mim mesmo, sendo incapaz de ver qualquer coisa em meu calabouço. Então, eu lhe peço que persevere nos ajudando com semelhante consolação, pois isso nos convida a chorar e orar.¹⁶¹

Posteriormente, Louis de Marsac, Etienne Gravot de Gyen, e Marsac, primo de Louis, seriam condenados à morte, sendo queimados – morreram cantando um hino. Aliás, o canto em meio às chamas tornou-se um testemunho fervoroso da fé calvinista na França.

Leith comenta que

O cântico dos salmos contribuiu para moldar o caráter e a piedade reformada e sua influência dificilmente poderia ser superestimada. Os salmos eram as orações do povo na liturgia de Calvino. Por meio deles, os adoradores respondiam à Palavra de Deus e afirmavam sua confiança, gratidão e lealdade a Deus.¹⁶²

O cântico de salmos tornou-se essencial para a piedade calvinista. Os protestantes franceses, ao serem levados para a prisão ou para a fogueira, cantavam salmos com tanta veemência que foi proibido por lei cantar salmos e aqueles que persistiam tinham sua língua cortada. O salmo 68 era a Marselhesa huguenote.¹⁶³

Na França, em diversas ocasiões os protestantes foram atacados enquanto prestavam culto a Deus, orando, lendo a Palavra e cantando salmos. Depois de narrar algumas dessas perseguições, Baird constata: “A liturgia do protestantismo francês foi banhada com o sangue de seus mártires.”¹⁶⁴

Quanto aos cânticos, devemos observar, contudo, que os hinos da Igreja não precisam estar limitados ao Livro de Salmos, mesmo reconhecendo o seu indiscutível valor como Palavra inspirada de Deus; além disso, deve ser observado que muitos dos salmos refletem a expressão de fé dos servos de Deus na Antiga Aliança, que ainda não se consumara em Cristo, aquele que selou a Nova Aliança com o seu próprio sangue.

¹⁶¹ *Ibid.*, nº 320. Calvino atendeu à solicitação e, em 22/08/1553, escreveu-lhes novamente [Cf. CALVIN, John. To Denis Peloquin and Louis de Marsache, “Letters”. In: *John Calvin Collection*, nº 323. CD-ROM].

¹⁶² LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 301. Ver alguns exemplos significativos em BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 67ss.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 299. Foi o próprio Calvino quem adaptou a melodia de um dos corais de Mathias Greiter – organista de Estrasburgo – ao Salmo 68 [Cf. BRAGA, Henriqueta R. F. Contribuição da Reforma ao Desenvolvimento Musical. In: *A Música Sacra e Sua História*. Bill H. Ichter (Org.). Rio de Janeiro: JUERP, 1976, p. 77]. O hino de Lutero baseado no Salmo 46, foi chamado por H. Heine (1797-1856) de “Marselhesa da Reforma” [Cf. T., W. J. R. Hymnology. In: *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*. Rev. John McClintock & James Strong (Org.), s.l.: Ages Software, 2000, p. 130. CD-ROM].

¹⁶⁴ BAIRD, *A Liturgia Reformada*, p. 65.

ANOTAÇÕES FINAIS: O CULTO COMO PROFISSÃO DE FÉ

Todas as partes do culto devem ser a expressão daquilo que cremos, conforme nos é ensinado nas Escrituras. Portanto, é necessário que tenhamos consciência daquilo que falamos, cantamos e ouvimos. O nosso “Amém” não pode se transformar em “vãs repetições” desconexas; antes, deve ser fruto da fé e da compreensão do que foi falado e cantado. Deste modo, o culto deve ser compreensível aos participantes a fim de que todos possam fazer ressoar em seus lábios a oração de seus corações: Amém! O apóstolo Paulo enfatiza que o culto deve ser prestado no idioma dos participantes, ou seja, deve ser inteligível (1Co 14.9-11). Dirigir o culto de forma não compreensível aos participantes é um ato de desrespeito para com os adoradores; é uma atitude de barbárie.¹⁶⁵

Calvino resumiu e aplicou esse ensino, dizendo:

Disto também fica claro que as orações públicas devem ser formuladas não em grego entre os latinos, nem em latim entre os franceses ou ingleses, como até aqui a cada passo se tem feito, mas na fala popular, que possa ser generalizadamente entendida por toda a assembleia, uma vez que, na verdade, importa isso se faça para edificação de toda a Igreja, à qual de um som não compreendido nenhum fruto absolutamente advém.¹⁶⁶

A visão de Calvino é bastante clara a respeito do culto agradável a Deus. Interpretando o pensamento de Davi, ele diz:

Deus não requer meras cerimônias daqueles que o servem, mas se satisfaz unicamente com a sinceridade do coração, com a fé e santidade da vida. E Deus não tem prazer algum meramente no santuário visível, no altar, na queima de incenso, na morte de animais, na iluminação, nos aparelhos caros e nas abluções externas. À luz disto ele conclui que precisava ser guiado por outro princípio, e observar outra regra no culto divino, além de uma mera atenção a essas coisas, para que pudesse dedicar-se totalmente a Deus.¹⁶⁷

Desse modo, conforme a perspectiva de Calvino, a pompa artificial de uma cerimônia religiosa serve apenas para nos enganar. Deus não se fascina com nada disso; o que ele deseja de nós é obediência aos seus preceitos, inclusive na forma de adorá-lo. O culto cristão é oferecido por santos em santificação. Fomos separados por Deus para prestar-lhe culto e através do culto a nossa santidade se aperfeiçoa. No culto somos aperfeiçoados, sendo transformados cada vez mais na imagem de Cristo, que é o nosso modelo e meta (Rm 8.29-30).

¹⁶⁵ Calvino comenta: “... É fora de propósito e um absurdo que alguém fale numa assembleia da Igreja sem que os ouvintes entendam sequer uma palavra do que ele diz. (...) Não importa quão refinada uma língua venha ser, mesmo assim uma pessoa será descrita como ‘bárbara’ se ninguém a pode entender!” [CALVINO, *Exposição de 1Coríntios*, p. 415].

¹⁶⁶ CALVINO, *As Institutas*, III.20.33. Cf. *A Segunda Confissão Helvética*, Caps. XXII e XXIII. *O Diretório de Culto de Westminster* (1645), falando sobre a leitura dos livros da Bíblia no culto, prescreve: “serão lidos publicamente na língua do povo, na melhor tradução permitida, distintamente, para que todos possam ouvir e entender” [*O Diretório de Culto de Westminster*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000, p. 29].

¹⁶⁷ CALVINO, *O Livro dos Salmos* Vol. 2, p. 225.

Na Reforma Protestante do Século 16, a igreja foi compreendida, dentro da perspectiva de “povo de Deus”, não simplesmente como um edifício ou uma organização institucional,¹⁶⁸ mas sim como o povo de Deus que se reúne para adorar a Deus, sendo caracterizada pela ministração correta da Palavra e dos sacramentos.¹⁶⁹ Calvino, tratando desse assunto, insistiu no fato de que as marcas da igreja são a verdadeira pregação da Palavra de Deus e a correta ministração dos sacramentos.¹⁷⁰ Essa concepção pode ser resumida na afirmação de que Cristo é a marca essencial da igreja, visto ser ele “o centro da Palavra e o cerne dos sacramentos.”¹⁷¹

Portanto, para os reformados soa no mínimo estranho que, enfatizando corretamente como fazem a centralidade das Escrituras em todas as coisas, sendo a Palavra a norma do pensar, sentir e atuar, se esteja com demasiada freqüência avaliando o culto pelo grau de entretenimento e prazer concedidos ao “adorador”.¹⁷² Em suma, se quer um “bom espetáculo”.¹⁷³ Quando o culto é praticado com esses subterfúgios, está sendo utilizado o nome de Deus em vão, de forma vazia e pecaminosa; quebram, assim, o terceiro mandamento. John MacArthur, com a sua costumeira veemência, acentua: “... Não ousemos menosprezar o principal instrumento de evangelismo: a proclamação direta e cristocêntrica da genuína Palavra de Deus. Aqueles que trocam a Palavra por entretenimento ou artifícios descobrirão que não possuem um meio eficaz de alcançar as pessoas com a verdade de Cristo.”¹⁷⁴ Mais à frente continua: “Os que desejam colocar a dramatização, a música e outros meios mais sutis no lugar da pregação deveriam levar em conta o seguinte: Deus, *intencionalmente*, escolheu uma mensagem e uma metodologia que a sabedoria deste mundo considera como loucura. O termo grego traduzido por ‘loucura’ [1Co 1.21] é *mwriaj*, de onde o idioma inglês tira a sua palavra *moronic* (imbecil). O instrumento que Deus utiliza para realizar a salvação é, literalmente, imbecil aos olhos da sabedoria humana. Mas é a única estratégia de Deus para proclamar a mensagem.”¹⁷⁵

¹⁶⁸ Lutero (1483-1546) enfatizou que, “nem trabalho em pedra, nem boa construção, nem ouro, nem prata tornam uma igreja formosa e santa, mas a Palavra de Deus e a sã pregação. Pois onde é recomendada a bondade de Deus e revelada aos homens, e almas são encorajadas para que possam depender de Deus e chamar pelo Senhor em tempos de perigo, aí está verdadeiramente uma santa igreja” [PELIKAN, Jaroslav (Org.). *Luther's Works*. Vol. II. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1960, p. 332].

¹⁶⁹ LEITH, *A Tradição Reformada*, p. 330ss.

¹⁷⁰ CALVINO, *As Institutas*, IV.1. 9-12 e IV.2.1.

¹⁷¹ MILNE, Bruce. *Conheça a Verdade*. São Paulo: ABU, 1987, p. 227.

¹⁷² “O culto cristão contemporâneo é motivado e julgado por padrões diversos: seu valor de entretenimento, seu suposto apelo evangélico, sua fascinação estética, até mesmo, talvez, seu rendimento econômico. A herança litúrgica da Reforma nos recorda a convicção de que, acima de tudo, o culto deve servir para o louvor do Deus vivo” [GEORGE, *Teologia dos Reformadores*, p. 317].

¹⁷³ Cf. KUIPER, R. B. *El Cuerpo Glorioso de Cristo*. Grand Rapids, SLC, 1985, p. 327.

¹⁷⁴ MACARTHUR JR, John F. *Com Vergonha do Evangelho*. São José dos Campos, SP: Fiel, 1997, pp. 117-118.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 130.

A história aponta para o fato de que onde a pregação bíblica se expande, a igreja se fortalece; onde ela é minimizada ou substituída, a igreja retrocede em sua espiritualidade, perdendo sua dimensão de povo de Deus no mundo. “Onde quer que a Igreja tem progredido espiritualmente, tem-se dado ênfase à pregação.”¹⁷⁶ A tendência moderna, no entanto, é de se querer menos a Palavra de Deus e sua exposição, substituindo-a pela música, que assume, cada vez mais intensamente, o papel de “alma do culto”.¹⁷⁷

Segundo nos parece, é preciso que estejamos vigilantes para que não caminemos em direção oposta à satisfação de Deus, ao seu agrado. A beleza é uma questão de harmonia e proporções. A origem do senso de beleza está em Deus. Ainda que possamos elaborar um livro, uma peça, um quadro ou música de qualidade duvidosa com o objetivo de distrair, comover ou entreter, não podemos simplesmente apresentar isso a Deus como expressão de culto, visto que é Deus mesmo quem estabelece o modo como deve ser adorado. A *Confissão de Fé de Westminster* (1647) capta bem isso ao dizer: “... O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras” (XXI.1).¹⁷⁸ Adorar a Deus de modo não prescrito em sua Palavra é um ato idólatra, pois desse modo adoramos na realidade a nossa própria vontade e gosto. Aqui há uma inversão total de valores: em nome de Deus buscamos satisfazer os nossos caprichos e desejos.¹⁷⁹ Deus se tornou um mero instrumento para a expressão de nossa vontade. A lógica dessa atitude é a seguinte: desde que estejamos satisfeitos, descontraídos e leves, é isso o que importa. Quem assim procede já recebeu a sua recompensa: a satisfação momentânea do seu desejo pecaminoso.

Comentando a expressão “culto racional” (Rm 12.1), Calvino afirma:

...Se Deus só é corretamente adorado à medida que regulamos nossas ações pelo prisma de seus mandamentos, então de nada nos valerão todas as demais formas de culto que porventura engendrarmos, as quais ele com toda razão abomina, visto que põe a obediência acima de qualquer sacrifício.¹⁸⁰

¹⁷⁶ BLACKWOOD, A. W. *A Preparação de Sermões*. São Paulo: ASTE, 1965, p. 17 e 19.

¹⁷⁷ GODFREY, W. Robert. A Reforma do Culto. In: *Reforma Hoje*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 159.

¹⁷⁸ Cf. *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 109 e *Catecismo de Heidelberg*, Perg. 96; HODGE, *Confissão de Fé Comentada por A.A. Hodge*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999, Cap. XXI, p. 369. “Deus em muitas passagens proíbe qualquer novo culto desprovido da sanção da sua Palavra, e declara-se gravemente ofendido pela presunção de tal culto inventado, ameaçando-o de severa punição” [CALVIN, *The Necessity of Reforming the Church*, p. 218].

¹⁷⁹ Calvino pergunta: “Que pecado cometemos se não queremos aceitar que a maneira legítima de servir a Deus seja ordenada pelo capricho dos homens, o que Paulo ensinou ser intolerável?” (CALVINO, *As Institutas*, IV.10.9).

¹⁸⁰ Comentando Rm 5.19, Calvino diz: “Só quando seguimos o que Deus nos ordenou é que verdadeiramente o adoramos e rendemos obediência à sua Palavra.” [CALVINO, *Exposição de Romanos*, p. 198]. Cf. CALVIN, *Commentaries on the Prophet Jeremiah and the Lamentations*, p. 414 e p. 398; Cf. *The Necessity of Reforming the Church*, pp. 201-202; CALVINO, *Exposição de Hebreus*, pp. 305-306].

O ser humano deleita-se com suas próprias invenções e (como diz o apóstolo alhures) com suas vãs exibições de sabedoria; mas aprendemos o que o Juiz celestial declara em oposição a tudo isso, quando nos fala por boca do apóstolo. Ao denominar o culto que Deus ordena de *racional*, ele repudia tudo quanto contrarie as normas de sua Palavra, como sendo mero esforço insensato, insípido e inconseqüente.¹⁸¹

Em outro lugar, ele afirma:

São falsas e espúrias todas as formas de culto que os homens permitem a si mesmos inventar movidos por sua ingenuidade, mas que são contrárias ao mandamento de Deus. Quando Deus estabelece que tudo deve ser feito em consonância com sua norma, não nos é permitido fazer qualquer coisa diferente: *Olha que faças tudo segundo o modelo; e: Vê que não faças nada além do modelo* [Ex 25.40]. E assim, ao enfatizar a norma que estabelece, Deus nos proíbe afastar-nos dela, mesmo que seja um mínimo. Por essa razão, todas as formas de culto produzidas pelos homens caem por terra, bem como aquelas coisas a que chamam sacramentos, e contudo não têm sua origem em Deus.¹⁸²

Comentando Rm 14.23, observa:

Visto que uma mente crente em Deus jamais encontrará seguro repouso em algo que não seja a Palavra de Deus, todas as formas de culto engendradas pelo homem, bem como toda as obras que se originam na mente humana desaparecem aqui. Condenar tudo quanto não provém de fé significa rejeitar tudo quanto não pode encontrar o apoio e a aprovação da Palavra de Deus.¹⁸³

Comentando o entulho ritual acrescentado ao culto através dos séculos pela igreja romana, Calvino escreve: “Toda a doutrina dos apóstolos tem esse objetivo: não sobrecarregar as consciências com novas observâncias, nem contaminar o culto a Deus com as nossas próprias invenções.”¹⁸⁴

O culto a Deus é caracterizado pela submissão às Escrituras: “É dever de todo crente apresentar seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, como indicam as Escrituras. Nisto consiste a verdadeira adoração.”¹⁸⁵

¹⁸¹ CALVINO, *Exposição de Romanos*, pp. 424-425. Para Calvino, a racionalidade legítima consistia em submeter o nosso intelecto a Deus: “Quanto tem avançado aquele homem que tem aprendido a não pertencer-se a si mesmo, nem a ser governado por sua própria razão, senão que submete a sua mente a Deus! (...) O serviço do Senhor não só implica uma autêntica obediência, senão também a vontade de pôr à parte seus desejos pecaminosos e submeter-se completamente à direção do Espírito Santo” [CALVIN, John. *Golden Booklet of the True Christian Life*, 6ª ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1977, p. 21].

¹⁸² CALVINO, *Exposição de Hebreus*, p. 208. Cf. IDEM, *Commentaries on the Four Last Books of Moses*, Vol. II/1, p. 345; IDEM, *As Institutas*, IV.10.17; IDEM, *The Necessity of Reforming the Church*, pp. 197-198; IDEM, *To the Protector Somerset*, p. 202.

¹⁸³ CALVINO, *Romanos*, 2ª ed. São Paulo: Parakletos, 2001, p. 494.

¹⁸⁴ CALVINO, *As Institutas*, IV.10.18.

¹⁸⁵ CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 29.

Calvino (1509-1564) nos adverte quanto à tentativa de adorar a Deus conforme o “senso comum”:

Pelo que, nada de surpreendente, se o Espírito Santo repudie como degenerescências a todos os cultos inventados pelo arbítrio dos homens, pois que em se tratando dos mistérios celestes, a opinião humanamente concebida, ainda que nem sempre engendre farto amontoado de erros, é, não obstante, a mãe do erro.¹⁸⁶

O culto que não tem uma distinta referência à Palavra outra coisa não é senão uma corrupção das coisas sacras.¹⁸⁷

Deus só aceita a aproximação daqueles que o buscam com sincero coração e de maneira correta.¹⁸⁸

O culto reflete a nossa maneira de perceber a Palavra de Deus, visto que nele respondemos com fé em adoração e gratidão a Deus;¹⁸⁹ o nosso responder revela a nossa teologia. É impossível uma genuína teologia bíblica divorciada de uma adoração bíblica; a chamada “flexibilidade litúrgica” nada mais é do que uma “flexibilidade teológica” que envolverá sempre uma “teologia” de remendos, distante da plenitude da revelação bíblica, em harmonia, quem sabe, com a cultura que nos circunda.

Num documento publicado pela *Igreja Presbiteriana Ortodoxa*, lemos:

O culto, então, não é algo feito superficialmente ou sem séria consideração. No culto os crentes professam e honram o caráter de Deus, em cuja presença entram, e que os tirou de um estado de pecado e miséria. O culto sempre reflete a concepção que as pessoas têm de Deus. A verdadeira teologia produz um culto verdadeiro e aceitável. A teologia imprópria ou errônea produz falsa adoração. O culto não é uma questão de gosto: é uma declaração de convicção teológica.¹⁹⁰

Michael Horton, acertadamente, escreve: “Não há nada de errado com a arte que apela aos sentimentos e à imaginação, mas há muito de errado com um *culto* motivado por sentimentos e imaginação”. Continua: “Não podemos adorar a Deus com as nossas próprias opiniões ou emoções; nosso culto (que inclui nossa música) deve ser rigorosamente verificado por sua integridade teológica. Não é uma apresentação para divertir.”¹⁹¹

¹⁸⁶ CALVINO, *As Institutas*, I.5.13.

¹⁸⁷ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 403.

¹⁸⁸ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 420. Horton está correto ao dizer: “É Deus, e não os de fora da igreja, quem nos dá o modelo de culto” [HORTON, Michael S. *O Cristão e a Cultura*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 82].

¹⁸⁹ CALVINO, *As Institutas*, II.8.16; IDEM, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 129; Vol. 2, p. 216, pp. 231-232; e pp. 503-504.

¹⁹⁰ Documento oficial da Orthodox Presbyterian Church, traduzido por Soneidi H. Evangelista, [s.d], trabalho mimeografado, p. 8a.

¹⁹¹ HORTON, *O Cristão e a Cultura*, p. 92.

Devemos estar atentos ao fato de que ser reformado envolve uma cosmovisão unificada que se reflete em nossa maneira de ver e atuar no mundo; toda e cada faceta de nossa existência. Ser reformado não significa uniformidade, mas uma perspectiva semelhante da vida e da eternidade. Assim sendo, não nos parece razoável, nem possível, fazer sincretismos teológicos e litúrgicos e, ainda assim, sobrevivermos como reformados.¹⁹² Não é possível uma teologia reformada esquizofrênica!

ABSTRACT

In this article Costa analyzes Calvin's theology concerning worship, as well as its practice. Starting from primary documentation, he describes the influence Calvin had during his ministry at the French refugee congregation in Strasbourg (1538-1541). He shows how the reformer established the essential elements of Reformed worship: the Word of God, the offertory, the Lord's Supper, and prayer. Calvin did it by looking for a simple and coherent organization, in harmony with biblical principles. The author maintains that worship is man's answer to God; as such it has to be what God said it should be. God does not accept a worship that is not in accordance with his Word, since Scripture is the ruling element of all our worship. Costa pays special attention to the Lord's Supper, showing how Calvin chose a simple ceremony, without the medieval pomp. However, the reformer insisted on a more systematic and frequent practice of communion. Regarding hymns, he shows how Calvin, like Augustine, gave emphasis to the lyrics, stressing the need to sing God's Word. He also shows the importance of congregational singing and the singing of Psalms in Christian worship. Costa concludes the article by pointing out the Reformed perspective, saying that liturgy cannot be separated from theology, since our worship reflects our convictions.

KEY WORDS

Calvin, theology of worship, worship, Lord's Supper, hymns, Psalms, obedience.

¹⁹² JOHNSON, Terry L. *Adoração Reformada: A adoração que é de acordo com as Escrituras*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2001, p. 11.